

# NOORA ROBERTS



## A CRUZ DE MORRIGAN

*Tradução de Marta Oliveira*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**CHÁDASCINCO**  
Livros com sexto sentido



*Para os meus irmãos  
Jim, Buz, Don e Bill*



*Só os valentes merecem o justo.*

DRYDEN

*Acabemos, senhora: o dia radioso terminou,  
agora estamos destinados à escuridão.*

SHAKESPEARE





## PRÓLOGO

Foi a chuva que o fez lembrar da história. As rajadas batiam nas janelas, bramiam pelos telhados e sopravam o seu cortante sopro por baixo das portas.

A humidade fazia-lhe doer os ossos mesmo estando sentado junto à lareira. A idade pesava-lhe nas longas e chuvosas noites de outono, e sabia que lhe pesaria ainda mais, no escuro inverno que estava para vir.

As crianças estavam reunidas, aconchegadas no chão, ou comprimidas duas ou três em poltronas. Olhavam para ele, expectantes, pois prometera contar-lhes uma história para afugentar o aborrecimento de um dia tempestuoso.

Não tencionava contar-lhes esta, não ainda, pois alguns eram muito novos, e o conto estava longe de ser meigo. Mas a chuva murmurara-lhe, assobiando-lhe as palavras que ele ainda não pronunciara.

Até mesmo um contador de histórias, talvez especialmente um contador de histórias, tinha de escutar.

— Conheço uma história — iniciou, e várias crianças contorceam-se na expectativa do que se seguiria. — É uma história sobre coragem e covardia, de sangue e morte, e de vida. De amor e de perda.

— Tem monstros? — perguntou um dos mais pequenos, com os seus olhos azuis muito abertos numa mistura de medo e contentamento.

— Há sempre monstros — respondeu o velho. — Tal como há sempre homens que se unirão a eles, e homens que lutarão contra eles.

— E mulheres! — gritou uma das raparigas mais velhas, que o fez sorrir.

— E mulheres. Valentes e fiéis, desonestas e mortais. Conheci ambos os tipos no meu tempo. Agora, esta história, digo-vos, é de há muito, muito tempo. Tem muitos começos, mas um só final.

Enquanto o vento uivava, o velho tomou um pouco de chá para humedecer a garganta. O fogo crepitou e iluminou o seu rosto com um resplendor de sangue dourado.

— Este é um dos começos. Nos últimos dias de um intenso verão, com os raios a irromperem azuis num céu negro, o feiticeiro contemplava o mar enfurecido do alto de um rochedo.





## CAPÍTULO 1

*Eire, região de Chiarrai*

1128

**H**avia uma tempestade dentro dele, tão negra e violenta como aquela que forçava caminho através do mar. Movia-se pelo seu sangue, e lá fora no ar, lutando dentro e fora enquanto ele se encontrava no cimo de um rochedo escorregadio pela chuva.

O nome da sua tempestade era dor.

Era dor o que cintilava nos seus olhos, tão ousada e azul como aqueles relâmpagos. Enquanto a raiva emanava das pontas dos dedos, recortada de vermelho, dividia o ar com trovões que ecoavam como mil disparos de canhão.

Ergueu bem alto o seu bastão e gritou as palavras mágicas. As faúlhas vermelhas da raiva e o azul cortante da tempestade colidiram no céu numa guerra, que os que a conseguiram ver fugiram a correr para dentro das suas casas, ou para dentro de grutas, trancando as portas e janelas, reunindo as crianças quase a tremer, enquanto rezavam aos deuses da sua eleição.

E, nos seus castelos, até as fadas estremeceram.

O círculo de pedras e a água do mar ficaram negros como a boca do Inferno, e mesmo assim ele continuava cheio de raiva e de sofrimento. A chuva que jorrava do céu maltratado caía vermelha como sangue — e crepitava, ardendo na terra, e no mar, de tal forma que o ar cheirava à sua fervura.

Essa noite ficou conhecida como A Noite das Tristezas, e aqueles que se atreviam a falar dela falavam do feiticeiro que se encontrava lá no alto do rochedo, com a chuva sangrenta a encharcar-lhe a capa e a escorrer-lhe pelo

rosto esguio como se fosse as lágrimas da morte, enquanto ele desafiava o Céu e o Inferno.

O seu nome era Hoyt, e a sua família os Mac Cionaoith, que se dizia serem descendentes de Morrigan, fada rainha e deusa. O seu poder era grande, mas ainda jovem, tal como ele próprio. Ele exercia-o agora com uma paixão que não dava lugar à cautela, ao dever ou à compreensão. Era a sua espada e a sua lança.

Aquilo que ele invocara na noite daquela terrível tempestade estava morto.

Enquanto o vento assobiava, ele virou-se, dando as costas para o mar tumultuoso. O que ele invocara encontrava-se na terra elevada. Ela — pois fora em tempos uma mulher — sorriu. Era de uma beleza incrível e fria como o inverno. Os olhos eram suavemente azuis, os lábios cor-de-rosa como as pétalas de uma rosa, e a pele era branca como o leite. Quando ela falou, a voz era música, uma sirene que já convocara inúmeros homens para a sua perdição.

— É imprudente da tua parte vires procurar-me. Estás impaciente pelo meu beijo, Mac Cionaoith?

— Tu és aquilo que matou o meu irmão?

— A morte é... — Não querendo saber da chuva, atirou o capuz para trás. — Complexa. És demasiado jovem para compreender as suas glórias. Aquilo que eu lhe dei foi uma dádiva. Preciosa e poderosa.

— Tu condenaste-o.

— Ah! — Sacudiu uma mão no ar. — Um preço tão pequeno a pagar pela eternidade. O mundo é dele agora, e pode retirar dele o que quiser. Ele sabe mais do que tu podes sonhar. Ele é meu agora, mais do que alguma vez foi teu.

— Demónio, tens as mãos sujas com o seu sangue, e por intermédio da deusa, eu vou destruir-te.

Ela ria-se, de modo jovial, como uma criança a quem prometeram um certo regalo.

— Nas minhas mãos, na minha garganta. Tal como a minha está na tua. Ele agora é como eu, um filho da noite e da sombra. Também pretendes destruir o teu próprio irmão? O teu gémeo?

A névoa que cobria o chão tornou-se negra, afastando-se como seda quando ela a atravessou.

— Sinto o cheiro do teu poder, da tua dor e do teu espanto. Aqui e agora, neste lugar, ofereço-te esta dádiva. Faça com que voltes a ser uma vez mais o seu gémeo, Hoyt de Mac Cionaoith. Vou conceder-te a morte que é uma vida interminável.

Ele desceu o bastão e olhou para ela através da cortina de chuva.

— Diz-me o teu nome.

Ela deslizou através da neblina, com a capa vermelha a ondular nas costas. Ele conseguia ver o branco dos peitos cheios, redondos e maduros por cima do apertado corpete de renda do vestido. Sentiu uma terrível excitação ao mesmo tempo que sentia o cheiro do seu poder.

— Tenho tantos — refutou ela, e tocou-lhe no braço (como é que ela tinha chegado tão perto?) com apenas a ponta do dedo. — Queres proferir o meu nome enquanto nos unimos? Para o sentires nos teus lábios, enquanto eu te sinto a ti?

Ele tinha a garganta seca, a arder. Os olhos dela, azuis e ternos, atraíram-no para ela, para o afogar.

— Sim. Quero saber o que o meu irmão sabe.

Ela riu de novo, mas desta vez havia uma rouquidão no riso. Uma fome de animal. E aqueles delicados olhos azuis começaram a ficar vermelhos.

— Com ciúmes?

Ela roçou os lábios nos dele, e estavam frios, penetrantemente frios. E mesmo assim, tão tentadores. O coração dele começou a bater mais forte e mais depressa no peito.

— Quero ver o que o meu irmão vê.

Pousou a mão naquele adorável peito branco, e não sentiu qualquer comoção por baixo.

— Diz-me o teu nome.

Ela sorriu, e o branco das suas presas brilhava em contraste com a horrível noite.

— É Lilith quem te toma. É Lilith quem te transforma. O poder do teu sangue vai misturar-se com o meu, e iremos governar este mundo, e todos os outros.

Ela atirou a cabeça para trás, e preparou-se para atacar. Com toda a sua dor, com toda a sua raiva, Hoyt atingiu-a no coração com o bastão.

O som que irrompeu dela penetrou a noite, gritou para o alto através da tempestade e juntou-se a ela. Não era humano, nem mesmo o gemido de uma fera. Aqui estava o demónio que levava o seu irmão, que escondia a sua crueldade por trás de uma beleza fria. E que sangrava — ele viu um rastro de sangue a escorrer da ferida — sem um batimento cardíaco.

Ela fugiu de novo para o vazio, contorcendo-se e guinchando enquanto os raios rasgavam o céu. As palavras que ele precisava de dizer perderam-se no seu horror quando ela se contorceu no vazio, e o sangue que caiu se evaporou no imundo nevoeiro.

— Como te atreves! — balbuciou a sua voz com ultraje, com dor. — Usas em mim a tua magia insignificante e deplorável? Caminho neste mun-

do há *mil* anos. — Deslizou a mão por cima da ferida, e lançou o sangue pelo ar.

E quando as gotas atingiram o braço de Hoyt, cortaram-no como uma faca.

— Lilith! Foste expulsa! Lilith, foste subjugada deste lugar. Pelo meu sangue. — Sacou de um punhal por debaixo da sua capa, e cortou superficialmente a palma da sua mão. — Pelo sangue dos deuses que corre nas minhas veias, pelo poder do meu nascimento, eu te envio de volta...

O que o atacou pareceu voar pelo chão, e atingiu-o com a força selvagem da fúria. Emaranhados, caíram do rochedo para o rebordo sinuoso em baixo. Durante vagas de dor e medo, ele viu o rosto da coisa que tão fielmente espelhava o seu. O rosto que outrora fora o do seu irmão.

Hoyt podia sentir o cheiro da morte nele, e o sangue, e viu naqueles olhos vermelhos o animal em que se tornara o irmão. Ainda assim, uma pequena chama de esperança fulgurava o coração de Hoyt.

— Cian. Ajuda-me a detê-la. Ainda temos hipótese.

— Sentes a dimensão da minha força? — Cian fechou a mão à volta da garganta de Hoyt e apertou. — É apenas o começo. Agora tenho toda a eternidade. — Inclinou-se sobre ele e lambeu-lhe o sangue do rosto, quase no gozo. — Ela quer-te para ela, mas estou com fome. Com tanta fome. E o teu sangue afinal de contas é o meu.

Enquanto Cian revelava as presas, e as comprimia junto à garganta do irmão, Hoyt apunhalou-o.

Com um uivo, Cian afastou-se. O rosto mostrava choque e dor. Precisamente quando se agarrava à ferida, tombou. Por um instante, Hoyt pensou ver o seu irmão, o seu verdadeiro irmão. Depois, apenas ficaram os clamores da tempestade e a chuva fustigante.

Rastejou e esgratou caminho pelo rochedo acima. As mãos, escorregadias do sangue, do suor e da chuva, apalpavam em busca de qualquer apoio. Os raios iluminavam-lhe o rosto, tenso com a dor, enquanto avançava devagar rochedo acima e cortava os dedos ao tentar agarrar-se. O pescoço, onde as presas tinham arranhado, ardia como fogo. Ofegante, alcançou o topo.

Se ela estivesse à sua espera, ele estava morto. O seu poder declinara com a exaustão, esgotado com a destruição causada pelo choque e pelo sofrimento. Apenas tinha para se defender o punhal, ainda sujo com o sangue do irmão.

Mas quando se içou, e rolou de costas com a chuva cortante a lavar-lhe o rosto, estava sozinho.

Talvez tivesse sido suficiente, talvez tivesse mandado o demónio de

volta para o Inferno. Tal como tinha seguramente enviado carne da sua carne para a condenação.

Rolou sobre a terra molhada e apoiou-se com as mãos e os joelhos. Sentia-se extremamente doente. A magia era um punhado de cinzas na sua boca.

Rastejou até ao bastão e usou-o para o ajudar a levantar-se. Com uma respiração ofegante, afastou-se do rochedo cambaleando, por um caminho que conhecia mesmo de olhos fechados. O poder abandonara a tempestade tal como o abandonara a ele, e era agora apenas uma chuva fraca.

Sentiu o cheiro de casa... cavalo e feno, as ervas que ele usara como proteção, o fumo do fogo que deixara a arder na lareira. Mas não havia qualquer júbilo nisso, ou triunfo.

Enquanto coxeava em direção à sua casa, a respiração silvava, sibilos de dor que se perdiam na elevação do vento. Sabia que se aquilo que levava o irmão viesse por ele agora, estava perdido. Cada sombra, cada forma lançada pelas árvores derrubadas pela tempestade podia ser a sua morte. Pior do que a sua morte. Medo escorria-lhe pela pele como gelo sujo, de forma que usou a força que ainda lhe restava para murmurar feitiços, que eram mais preces, para qualquer pessoa que, ou tudo o que, o escutasse.

O seu cavalo estava agitado no abrigo e soltou um relincho assim que o sentiu. Mas Hoyt continuou vacilante até à pequena casa, arrastando-se até à porta e entrando.

Lá dentro estava calor e o murmúrio dos feitiços que ele lançara antes de sair para as falésias. Trancou a porta, deixando na madeira manchas do seu sangue e do de Cian. Seria o suficiente para a manter lá fora?, interrogava-se. Se a sabedoria popular que ele lera fosse verdade, ela não poderia entrar sem ser convidada. Tudo o que podia fazer era ter fé nisso, e no feitiço de proteção que rodeava a casa.

Deixou cair a capa ensopada, deixando-a num monte encharcado no chão, e teve de se bater para não se juntar a ela ali. Misturou poções para cicatrização e força. E ficou sentado durante toda a noite a guardar a lareira. À espera do amanhecer.

Fizera tudo o que pudera pelos seus pais, pelas irmãs e suas famílias. Tinha de acreditar que fora o suficiente.

Cian estava morto, e o que voltara com o seu rosto e forma fora destruído. Não iria, nem podia, fazer-lhes mal agora. Mas a coisa que o criara podia.

Iria encontrar algo mais forte para os proteger. E iria voltar a caçar o demónio. Iria dedicar a sua vida à destruição desse mesmo demónio, jurava-o agora.

As mãos, com dedos longos e palmas amplas, estavam trémulas enquanto ele escolhia os frascos e potes. Os olhos, azuis tumultuosos, estavam vidrados de dor — as dores do corpo, do coração. A culpa pesava-lhe como um manto de chumbo. E aqueles demónios brincavam dentro dele.

Não salvara o irmão. Em vez disso, tinha-o condenado e destruído, expulsara-o e para longe. Como conseguira obter aquela terrível vitória? Cian fora sempre fisicamente superior a ele. E aquilo em que se tornara era perigosamente poderoso.

E foi assim que a sua magia venceu o que ele outrora amara. A sua metade que era brilhante e impulsiva onde ele muitas vezes era apagado e ponderado. Mais interessado nos estudos e aptidões do que na sociedade.

Cian fora mais de jogos a dinheiro e tabernas, de prostitutas e festas.

— O seu amor pela vida — murmurava Hoyt enquanto laborava. — O seu amor pela vida foi o que o matou. Apenas destruí aquilo que o encurralou num bicho.

Tinha de acreditar nisso.

A dor ondulava-lhe pelas costelas acima enquanto tirava a túnica. Os hematomas estavam já a alastrar-se, rastejando negros sobre a pele como o sofrimento e a culpa rastejavam negros sobre o seu coração. Era altura para assuntos práticos, dizia a si próprio enquanto aplicava o bálsamo. Atrapalhava-se consideravelmente, praguejava furiosamente, enquanto envolvia as ligaduras à volta das costelas. Tinha duas partidas, sabia, tal como sabia o quão difícil seria cavalgar de volta para casa na manhã seguinte.

Tomou uma poção, depois coxeou até à lareira. Acrescentou turfa e as chamas incandesceram-se vermelhas. Por cima delas, preparou um chá. Depois, embrulhou-se num cobertor e sentou-se para beber e matutar no assunto.

Nascera com uma dádiva, e logo de tenra idade procurou honrá-la com seriedade e cuidado. Estudara, frequentemente sozinho, pondo em prática a sua arte, aprendendo o alcance da mesma.

Os poderes de Cian eram menores, mas, Hoyt recordava-se, Cian nunca praticara tão religiosamente ou estudara tão seriamente. Cian, no fim de contas, só tinha brincado com a magia, divertindo-se a ele e aos outros.

Por vezes, Cian tinha-o atraído, enfraquecendo a resistência de Hoyt até fazerem qualquer coisa disparatada juntos. Uma vez, transformaram o rapaz que empurrara a irmã mais nova deles para a lama num burro de orelhas longas que relinchava.

Como Cian rira! Hoyt levou três dias de trabalho, suor e pânico para reverter o feitiço, mas Cian nunca se preocupara minimamente.

*Ele nasceu um burro, afinal de contas. Apenas lhe demos a sua verdadeira forma.*

Desde que tinham doze anos que Cian se interessava mais por espadas do que por feitiços. Ainda bem, pensava Hoyt enquanto bebia o chá amargo. Ele fora irresponsável com a magia e um feiticeiro com uma espada.

Mas nem o aço nem a magia o salvaram no final.

Encostou-se para trás, arrepiando-se até aos ossos apesar da turfa que ardia. Podia ouvir o que restara da tempestade que ainda soprava, salpicando o telhado, lamentando-se pela floresta que rodeava a casa.

Mas não ouvia mais nada, nem a fera nem ameaça. Assim foi deixado sozinho com as suas memórias e arrependimentos.

Devia ter ido com Cian para a aldeia naquela noite. Mas ficara a trabalhar, não lhe apetecia cerveja, nem os cheiros e os sons das tabernas e das pessoas.

Nunca quisera uma mulher, e Cian nunca quisera *não* ter uma mulher.

Mas se tivesse ido, se tivesse posto o trabalho de parte apenas por uma maldita noite, Cian estaria vivo. Seguramente, o demónio não teria dominado os dois. Certamente, a sua dádiva ter-lhe-ia permitido pressentir o que a criatura era, apesar da beleza e encanto.

Cian nunca teria ido com ela se o seu irmão estivesse com ele. E a mãe deles não estaria a sofrer. A sepultura nunca teria sido cavada, e pelos deuses, a criatura que eles enterraram nunca se teria erguido.

Se os seus poderes pudessem voltar o tempo atrás, abdicaria deles, renunciá-los-ia, para reviver aquele momento único quando escolhera trabalhar em vez da companhia do irmão.

— Que vantagens me trazem? De que me valem agora? Ter recebido o dom da magia e não poder usá-lo para salvar o que é mais importante? Que vão para o diabo, então. — Atirou com a chávina para o outro lado da pequena sala. — Malditos, todos, deuses e fadas. Ele era a nossa luz, e atiraram-no para a escuridão.

Durante toda a sua vida, Hoyt fizera o que era devido, o que era esperado dele. Virara as costas a centenas de pequenos prazeres para se dedicar à sua arte. Então aqueles que lhe tinham oferecido aquele dom, aquele poder, ficaram a observar de longe enquanto o seu próprio irmão era levado?

Não numa batalha, nem mesmo com a lisa lâmina da magia, mas através de um mal para lá da imaginação. Foi esse o seu pagamento, essa foi a sua recompensa por tudo aquilo que ele fizera?

Acenou com uma mão na direção do fogo, e na lareira as chamas elevaram-se e bramiram. Ergueu os braços por cima da cabeça e a tempestade duplicou em força de tal forma que o vento gritou como uma mulher

que está a ser torturada. A casa estremeceu sob a sua força, e as peles esticadas firmemente sobre as janelas rasgaram-se. Frias rajadas invadiram a sala, derrubando garrafas, agitando as páginas dos livros. E nelas, ele ouviu o cacarejo gutural do sombrio.

Nem uma única vez em toda a sua vida ele se tinha desviado do seu objetivo. Nem uma única vez usara o seu dom para o mal, ou tocara na magia negra.

Talvez pensasse agora que encontraria aí as respostas. Encontrar o irmão de novo. Combater a fera, mal contra o mal.

Levantou-se com dificuldade, ignorando as dores das costelas. Avançou para a cama de armar e estendeu as mãos na direção do baú que ele havia fechado com magia. Quando o mesmo se abriu, caminhou até ele, e procurou o livro que guardara anos antes.

Nele estavam contidos feitiços, magias negras e perigosas. Feitiços que usavam sangue humano, e dor humana. Feitiços de vingança e cobiça que falavam a um poder que ignorava todos os juramentos e todos os votos.

Sentiu o livro quente e pesado nas mãos, e a sedução que exercia sobre ele, uns dedos encurvados que roçavam a alma. *Toma tudo, toma o que quiseres. Não somos mais do que o resto?* Deuses vivos que se apoderam de tudo o que desejam.

*Temos o direito! Estamos além das regras e das razões.*

A respiração ficou mais rápida, pois sabia o que podia ser seu se o aceitasse, se pegasse com as duas mãos naquilo que jurara nunca tocar. Riqueza indescritível, mulheres, poderes inexprimíveis, vida eterna. Vingança.

Precisava apenas de dizer as palavras, para reprimir o branco e abraçar o negro. O suor escorria-lhe pelas costas enquanto ouvia o murmúrio das vozes de há mil anos: *Toma-o. Toma-o. Toma-o.*

A visão ficou turva, e através dela viu o irmão tal como o encontrara na lama na beira da estrada. O sangue formara uma poça devido às feridas na garganta, e tinha também os lábios manchados pelo viscoso líquido. Pálido, Hoyt nem conseguia pensar. O seu rosto ainda parecia mais pálido em contraste com aquele sangue vermelho.

Nessa altura, os olhos de Cian, vivos e azuis, abriram-se. Havia tanta dor neles, tanto horror. Suplicaram quando encontraram os de Hoyt.

— Salva-me. Apenas tu me podes salvar. Não é à morte que estou condenado. É pior do que o Inferno, pior do que o tormento. Traz-me de volta. Pelo menos uma vez, não te importes com as consequências. Queres que arda por toda a eternidade? Pelo amor que tens ao teu próprio sangue, Hoyt, ajuda-me.



Ele tremeu. Não era do frio que soprava através da pele rasgada, ou da humidade que se fazia sentir no ar, mas da orla gélida na qual se encontrava.

— Daria a minha vida pela tua, juro por tudo aquilo que sou, por tudo o que fomos. Tomaria o teu destino, Cian, se pudesse ter essa escolha. Mas não o posso fazer. Nem mesmo por ti.

A visão ficou de repente envolta em chamas, e os seus gritos já não eram humanos. Num gemido de profundo sofrimento, Hoyt lançou o livro de volta para o baú. Usou a força que ainda lhe restava para encantar a fechadura antes que sucumbisse no chão. E ali se encolheu como uma criança incapaz de encontrar conforto.

**T**alvez adormecesse. Talvez sonhasse. Mas quando voltou a si, a tempestade passara. A luz penetrou na sala e cresceu, ousada, brilhante e clara, para queimar os seus olhos. Pestanejou, assobiando quando as costelas protestaram ao tentar sentar-se.

Havia raios de rosa e dourado a reluzir no branco, o calor irradiava. Sentiu um cheiro a terra, apercebeu-se, rica e argilosa, e também a fumo que saía do fogo de turfa que ainda tremeluzia na lareira.

Conseguia distinguir as formas dela, femininas, e percebeu uma beleza desconcertante.

Este não era nenhum demónio que vinha por sangue.

Cerrou os dentes e pôs-se de joelhos. Embora ainda houvesse sofrimento e ira na sua voz, baixou a cabeça.

— Minha senhora.

— Filho.

A luz parecia partir dela. O cabelo era vermelho ardente como o de um guerreiro, e ondulava pelos ombros nuns caracóis sedosos. Os olhos eram verdes como o musgo da floresta e naquele momento compassivos com o que podia ser piedade. Vestia uma túnica branca ornamentada em ouro como era seu direito por categoria. Embora fosse a deusa do combate, não usava armadura e não transportava qualquer espada.

Chamava-se Morrigan.

— Combateste bem.

— Perdi. Perdi o meu irmão.

— De verdade? — Deu um passo em frente, oferecendo-lhe uma mão para que ele se levantasse. — Permaneceste verdadeiro ao teu juramento, embora a tentação fosse grande.

— De outro modo, poderia tê-lo salvo.

— Não. — Tocou no rosto de Hoyt, e ele sentiu o calor dela. —

Tê-lo-ias perdido a ele e a ti. Assevero-te. Darias a vida por ele, mas não podias dar a tua alma, ou a alma de outros. Possuis um grande dom, Hoyt.

— De que me serve se nem consigo proteger o meu próprio sangue? Os deuses exigem tamanho sacrifício, condenar um inocente a tal tormento?

— Não foram os deuses que o condenaram. Nem te cabia a ti salvá-lo. Mas existem sacrifícios que devem ser feitos, batalhas a serem travadas. Sangue inocente e não tão inocente a ser derramado. Foste escolhido para uma grande tarefa.

— Pode pedir tudo de mim agora, senhora?

— Sim. Ser-te-á pedida uma grande tarefa, a ti e a outros. Há uma batalha que precisa de ser travada, a maior alguma vez empreendida. O Bem contra o Mal. Tens de reunir as forças.

— Não sou capaz. Não tenho vontade. Estou... Meu Deus, estou cansado.

Deixou-se cair na beira da cama, deixando cair a cabeça nas mãos.

— Tenho de ir ver a minha mãe. Tenho de lhe ir dizer que falhei em salvar o seu filho.

— Não falhaste. Porque resististe às trevas, foste incumbido de carregar essa responsabilidade, usar o dom que te foi dado para enfrentar e vencer aquela que destruirá mundos. Livra-te desse sentimento de culpa.

A cabeça dele ergueu-se perante o tom perspicaz.

— Até os deuses se angustiam, senhora. Matei o meu irmão esta noite.

— O teu irmão foi morto pela besta, há uma semana. O que caiu do precipício não era o teu Cian. Sabes disso. Mas ele... persiste.

Hoyt pôs-se de pé vacilante.

— Ele vive.

— Não é vida. É sem respiração, sem alma, sem coração. Tem um nome que não é falado ainda neste mundo. É vampiro. Alimenta-se de sangue — disse ela, enquanto caminhava na sua direção. — Caça os humanos, tira vidas, ou pior, muito pior, transforma aquilo que caça e mata nos da espécie dele. Reproduz-se, Hoyt, como uma peste. Não tem rosto e tem de se esconder do Sol. É isto que tens de combater, este e outros demónios que se estão a juntar. Tens de enfrentar esta força numa batalha na festa de Samhain. E tens de sair vitorioso ou o mundo que conheces e os mundos que ainda tens para conhecer serão dominados.

— E como é que os encontro? Como é que os combato? Cian era o guerreiro.

— Tens de deixar este lugar e ir para outro, e outro ainda. Alguns irão

ter contigo, outros, terás de os procurar. A bruxa, o guerreiro, o erudito, o que assume muitas formas e o que perdeste.

— Apenas só mais cinco? Seis contra um exército de demónios? Minha senhora...

— Um círculo de seis, tão fortes e verdadeiros como o braço de um deus. Quando esse círculo estiver formado, poderão ser formados outros. Mas os seis serão o meu exército, os seis farão o anel. Vais ensinar e vais aprender, e serão maiores do que a vossa soma. Um mês para se reunirem, um para aprenderem, e um para se conhecerem. A batalha chega na festa de Samhain. Tu, filho, és o meu primeiro.

— Pedis-me que esqueça a família que deixei, quando aquela coisa que levou o meu irmão pode vir buscá-los?

— A coisa que levou o teu irmão comanda o outro exército.

— Eu feri-a... o. Provoquei-lhe dor. — E essa memória murmurava nele como uma vingança.

— É verdade, sim, feriste-a mesmo. E isso é apenas mais um passo na direção deste momento e desta batalha. Ela carrega a tua marca agora, e vai, a seu tempo, procurar-te.

— Se a caçar agora, destruo-a agora.

— Não podes. Ela é mais forte do que tu nesta altura, e tu, meu filho, ainda não estás pronto para a enfrentar. Entre estes tempos e mundos, a sua sede vai crescer de modo insaciável até só a destruição de toda a humanidade a satisfazer. Vais ter a tua vingança, Hoyt — referiu enquanto ele se levantava. — Se a derrotares. Vais viajar para longe e vais sofrer. E eu vou sofrer ao saber da tua dor, pois tu és meu. Achas que o teu destino, a tua felicidade não representam nada para mim? És meu filho, mesmo sendo-o da tua mãe.

— E a minha mãe, senhora? E o meu pai, as minhas irmãs, as suas famílias? Sem mim para os proteger, podem ser os primeiros a morrer se essa batalha de que fala vier a acontecer.

— Vai acontecer. Mas eles estarão fora de alcance. — Estendeu as mãos. — O teu amor pelos do teu sangue é parte do teu poder, e não te vou pedir que lhe vires as costas. Não vais pensar com clareza até teres garantido que eles estarão em segurança.

Virou a cabeça para trás, elevou os braços e colocou as mãos em concha. O chão tremeu ligeiramente sob os pés dele, e quando Hoyt olhou para cima, viu as estrelas dispararem pelo céu escuro. Esses pontos de luz flutuaram na direção das mãos dela, e ali irromperam em chamas.

O coração dele batia violentamente contra as costelas magoadas enquanto ela falava, e o cabelo rubro dela esvoaçava à volta do seu rosto iluminado.

— Forjado pelos deuses, pela luz e pela noite. Símbolo e escudo, sim-

ples e verdadeiro. Para fé e para lealdade, estas dádivas são para ti. A sua magia vive através do sangue derramado, o teu e o meu.

A dor cortou a palma da sua mão. Observou o sangue irromper na sua mão e na dela enquanto o fogo ardia.

— E assim viverá para todo o sempre. Abençoados sejam aqueles que usam a Cruz de Morrigan.

O fogo extinguiu-se, e nas mãos da deusa ficaram cruces de prata reluzente.

— Isto irá protegê-los. Têm de usar a cruz sempre, dia e noite, do nascimento à morte. Saberás que eles estão a salvo quando os deixares.

— Se eu fizer isso, poupais o meu irmão?

— Vais regatear com os deuses?

— Sim.

Ela sorriu, uma mãe divertida com o seu filho.

— Foste escolhido, Hoyt, porque pensaste em fazê-lo. Vais deixar este lugar e reunir aqueles que são necessários. Vais preparar e treinar. A batalha será travada com espadas e lanças, com dentes e presas, com inteligência e deslealdade. Se saíres vitorioso, os mundos ficarão equilibrados e terás tudo o que quiseses.

— Como combato um vampiro? Já falhei contra ela.

— Estuda e aprende — respondeu ela. — E aprende com um dos da espécie dela. Um que ela tenha criado. Um que foi teu antes de ela o ter tomado. Tens de encontrar primeiro o teu irmão.

— Onde?

— Não apenas onde, mas quando. Olha para o fogo e vê.

Estavam, reparou, de novo na sua pequena casa, e ele estava em frente à lareira. As chamas deitaram espigões, tornaram-se torres. Transformou-se numa grande cidade. Ouviam-se vozes e sons como ele nunca escutara. Milhares de pessoas caminhavam apressadas pelas ruas que eram feitas de uma espécie de pedra. E as viaturas aceleravam com eles.

— Que lugar é este? — Mal conseguia sussurrar as palavras. — Que mundo é este?

— Chama-se Nova Iorque, e este momento situa-se quase mil anos à frente do nosso. O mal ainda caminha pelo mundo, Hoyt, assim como a inocência e o bem. O teu irmão caminha pelo mundo faz muito tempo agora. Passaram-se séculos para ele. Deves lembrar-te disso.

— Ele agora é um deus?

— Ele é um vampiro. Ele deve ensinar-te, e deve lutar a teu lado. Não pode haver vitória sem ele.

Que imensidão, pensou ele. Edifícios prateados e de pedra mais altos do que qualquer catedral.

— A guerra vai ser neste lugar, nesta Nova Iorque?

— Ser-te-á dito onde e como. E saberás. Agora tens de ir, leva o que precisares. Vai ter com a tua família e leva-lhes os seus escudos. Tens de os deixar logo, e ir para o Baile dos Deuses. Vais precisar do teu talento, e do meu poder, para poderes passar. Encontra o teu irmão, Hoyt. É hora de se juntarem todos.

Acordou junto à lareira, embrulhado num cobertor. Mas percebeu que não tinha sido um sonho. Não com o sangue a secar na palma da mão, e as cruzes de prata estendidas no colo.

Ainda não tinha amanhecido quando Hoyt começou a empacotar livros e poções, bolachas de aveia e mel. E as cruzes preciosas. Selou o seu cavalo, e depois, como precaução, lançou outro círculo protetor à volta da pequena casa.

Voltaria, prometeu a si mesmo. Iria encontrar o seu irmão, e desta vez iria salvá-lo. Custasse o que custasse.

Quando o Sol lançou o primeiro raio de luz, ele começou a longa cavalgada para An Clar, e a casa da sua família.



## CAPÍTULO 2

Viajou para norte por estradas ocultadas pela lama devido à tempestade. Os horrores e surpresas da noite brincavam com a sua cabeça enquanto ele se arqueava em cima do cavalo, favorecendo as costas doridas.

Jurou, se vivesse o suficiente, iria exercer magia curativa com mais frequência, e com mais cuidado.

Passou por campos onde os homens trabalhavam e pastavam gado bovino debaixo da suave luz do Sol da manhã. E por lagos que iam buscar o seu azul ao céu do verão tardio. Enredou por florestas onde as cascatas retumbavam e as sombras e os musgos eram o reino dos habitantes do país das fadas.

Ele era conhecido por ali, e levantavam as boinas quando Hoyt, o Feiticeiro, passava. Mas ele não parou para aceitar a hospitalidade numa das cabanas ou tabernas. Nem procurou conforto numa das grandes casas, ou nas conversas de monges nas suas abadias ou campanários redondos.

Nesta viagem, ele estava sozinho, e acima de batalhas e ordens dos deuses. Iria procurar a sua família primeiro. Ia oferecer-lhes tudo o que pudesse antes de os deixar para fazer aquilo de que tinha sido encarregado.

Enquanto as milhas passavam, ele lutava para se manter direito no cavalo sempre que chegava a povoações ou postos avançados. A dignidade custou-lhe um desconforto considerável até se ver obrigado a descomprimir ao lado de um rio onde a água gorgolejava sobre as rochas.

Noutros tempos, cogitava, desfrutara daquela viagem da sua casa até à casa da sua família, através dos campos e das colinas, ou ao longo do mar.

Só, ou na companhia do irmão, cavalgara por aquelas mesmas estradas e caminhos, sentira aquele mesmo sol no rosto. Parara para comer e para descansar o cavalo nesse mesmo lugar.

Mas agora o sol secava os seus olhos, e o cheiro a terra e a relva não alcançava os sentidos inertes.

Um suor febril escorria-lhe pela pele, e os ângulos do rosto estavam mais agudos enquanto ele tentava vencer a dor impiedosa.

Embora não tivesse apetite, comeu um bocado de uma das bolachas de aveia juntamente com mais remédios que trouxera. Apesar da infusão e do descanso, as costelas continuavam a doer como dentes podres.

De que serviria numa batalha?, perguntava-se. Se tivesse de erguer a espada agora para salvar a sua vida, morreria com as mãos vazias.

Vampiro, pensou. A palavra adequava-se. Era erótica, exótica, e de certa forma horrível. Quando tivesse tempo e energia, escreveria mais sobre o que sabia. Embora estivesse longe de estar convencido de que estava prestes a salvar este mundo ou qualquer outro de alguma invasão demoníaca, era sempre melhor adquirir conhecimentos.

Fechou os olhos por um momento, descansando-os contra a dor de cabeça que martelava atrás deles. Uma bruxa, tinha-lhe sido dito. Não gostava de lidar com bruxas. Estavam sempre a mexer pedaços estranhos disto e daquilo em caldeirões e a repetir os feitiços.

Depois, um erudito. Pelo menos, este poderia ser útil.

Seria Cian o guerreiro? Essa era a sua esperança. Cian a empunhar a espada e o escudo de novo, a lutar a seu lado. Quase que acreditava que seria capaz de cumprir a tarefa que lhe fora dada se o irmão estivesse consigo.

O que assumia muitas formas. Estranho. Talvez uma fada, e os deuses sabiam o quão confiáveis essas criaturas eram. E esta era, de uma forma ou de outra, a linha da frente na batalha pelos mundos?

Examinou a mão que ligara nessa manhã.

— Seria melhor para todos se tudo não passasse de um sonho. Estou doente e cansado, e não um soldado no seu melhor.

*Regressa.* A voz era apenas um murmúrio. Hoyt pôs-se de pé, tentando alcançar o punhal.

Nada se movia na floresta a não ser as asas pretas de um corvo que se empoleirava entre as sombras de uma rocha, junto à água.

*Regressa para os teus livros e ervas, Hoyt, o Feiticeiro. Achas que consegues derrotar a Rainha dos Demónios? Regressa, regressa e vive a tua vida miserável, e ela poupa-te. Avança, e ela vai regalar-se com a tua carne e beber o teu sangue.*

— Ela tem medo de ser ela mesma a dizer-me isso? Bem devia, pois

eu vou caçá-la por esta vida e pela próxima se for necessário. Vou vingar o meu irmão. E na batalha que está para vir, vou arrancar-lhe o coração e queimá-lo.

*Vais morrer a gritar, e ela vai fazer de ti o seu escravo para toda a eternidade.*

— Que aborrecimento que tu és.

Hoyt mudou a força de pulso no punhal. Quando o corvo levantou voo, ele sacudiu-o pelo ar. Não lhe acertou, mas a centelha de fogo que ele lançou com a sua mão livre atingiu o alvo. O corvo guinchou, e o que caiu no chão foram as suas cinzas.

Com repugnância, Hoyt olhou para o punhal. Estivera quase, e muito provavelmente teria conseguido fazer o serviço se não estivesse ferido. Pelo menos, Cian tinha-lhe ensinado isso.

Mas agora, tinha de ir procurar aquela maldita criatura.

Antes de ir, pegou numa mão-cheia de sal dos seus alforjes e deitou-a sobre as cinzas do mensageiro. Depois, recuperou o punhal, e subiu para o cavalo a ranger os dentes.

— Escravo por toda a eternidade — resmungou. — Vamos ver isso, vamos?

Cavalgou, rodeado por campos verdes, elevações de colinas entalhadas por sombras de nuvens numa luz suave como dunas. Sabendo que o galope faria as costelas gritar de dor, manteve o cavalo numa marcha lenta. Dormitou, e sonhou que estava outra vez no rochedo a lutar com Cian. Mas desta vez era ele quem se precipitava pelo vazio, que caía para a escuridão para se despedaçar contra as rochas implacáveis.

Acordou sobressaltado, e com dor. Seguramente, tanta dor significaria morte.

O cavalo parara para comer erva ao lado da estrada. Nesse lugar, um homem, com um boné com pala, levantava uma parede a partir de uma pilha de pedras cinza. A sua barba formava um bico e era amarela como a giesta que crescia sobre as encostas pouco elevadas, os pulsos grossos como ramos de árvore.

— Bom-dia para si, senhor, agora que despertou para ele. — O homem levantou o boné com a mão em sinal de cumprimento, depois curvou-se para apanhar outra pedra. — Viajou muito neste dia.

— Sim, viajei. — Embora não estivesse muito certo de onde se encontrava. Havia uma febre a trabalhar nele, podia sentir o pegajoso calor dela. — Vou a caminho de An Clar, e da terra dos Mac Cionaoith. Que lugar é este?

— É onde você se encontra — respondeu o homem animadamente. — Não vai terminar a sua viagem antes de anoitecer.



— Não. — Hoyt olhou para a estrada que parecia alongar-se indefinidamente. — Não, não antes de anoitecer.

— Há uma cabana com um fogo que se alastra para lá do campo, mas você não tem tempo para esperar aqui. Não quando ainda tem tanto para percorrer. E o tempo escasseia mesmo enquanto falamos. Está cansado — disse o homem com alguma simpatia. — Mas vai ficar ainda mais cansado antes de acabar.

— Quem é o senhor?

— Apenas um guia no seu caminho. Quando chegar à segunda bifurcação, siga para oeste. Quando escutar o rio, siga-o. Vai chegar a um poço sagrado perto de uma sorveira-brava, o Poço de Bridget, que alguns agora chamam Santa. Aí vai poder descansar os ossos doridos durante a noite. Projete o seu círculo lá, Hoyt, o Feiticeiro, pois eles virão à caça. Apenas esperam que o Sol se extinga. Você tem de estar no poço, dentro do seu círculo, antes que se extinga.

— Se eles me seguirem, se me caçarem, vou levá-los diretamente para a minha família.

— Eles não são nenhuns estranhos para os seus. Você transporta a cruz de Morrigan. É isso que deixará para trás com os do seu sangue. Isso e a sua fé. — Os olhos do homem eram claros e cinzentos, e, por momentos, pareceu que mundos viviam neles. — Se falhar, perder-se-á muito mais do que o seu sangue durante a festa de Samhain. Vá agora. O Sol já está a poente.

Que alternativa tinha ele? Tudo parecia um sonho naquele momento, em ebulição na sua febre. A morte do irmão, depois a sua destruição. A criatura no cimo do rochedo que se apelidava de Lilith. Teria ele sido visitado pela deusa, ou estaria apenas encurralado nalgum sonho?

Talvez já estivesse morto, e aquilo fosse apenas um percurso para a vida depois da morte.

Mas tomou a bifurcação a oeste, e quando escutou o rio, virou o cavalo na sua direção. Agora, sentia calafrios por causa da febre e por se aperceber de que a luz estava a desaparecer.

Caiu do cavalo mais do que desmontou, e encostou-se sem fôlego contra o pescoço do animal. A ferida na sua mão abriu-se e manchou a ligadura de vermelho. A oeste, o Sol era uma bola pouco elevada de um fogo em vias de extinção.

O poço sagrado era um quadrado baixo de pedra guardado pela sorveira-brava. Outros que tinham vindo para venerar ou descansar tinham atado lembranças, fitas e amuletos aos ramos. Hoyt prendeu com uma corda o cavalo, depois ajoelhou-se para agarrar numa pequena concha e beber um pouco de água fresca. Deitou umas gotas no chão para o deus e mur-

murou umas palavras de agradecimento. Deixou uma moeda de um péni de cobre sobre a pedra, manchando-a com o sangue que caía da ferida.

As pernas pareciam estar mais cheias de água do que de osso, mas quando o crepúsculo avançou, obrigou-se a concentrar-se. E começou a projetar o seu círculo.

Era pura magia, uma das primeiras que se aprende. Mas o seu poder vinha agora em acessos irregulares, e fez da tarefa uma miséria. O seu próprio suor provocava calafrios na pele enquanto ele lutava com as palavras, com os pensamentos e com o poder que parecia uma enguia escorregadia que se contorcia nas mãos.

Escutou algo que andava pela floresta, a mover-se nas sombras mais escuras. E essas sombras adensavam-se, enquanto os últimos raios de luz do Sol preenchiam os abrigos das árvores.

Vinham por ele, esperavam que aquele último raio de luz se extinguisse e o deixasse na escuridão. Morreria ali, sozinho, deixando a sua família desprotegida. E tudo por capricho dos deuses.

— Raios, se vou morrer. — Endireitou-se. Tinha mais uma oportunidade, ele sabia. Uma. E por isso, arrancou a ligadura da mão e usou o próprio sangue para selar o círculo.

— Dentro deste círculo, a luz permanece. Arde durante a noite por *minha* vontade. Esta magia é pura, e apenas quem é puro poderá ficar aqui. Fogo acende-te, fogo eleva-te, eleva-te e arde com um poder resplandecente.

As chamas tremeluziram no centro do círculo, débeis, mas presentes. Assim que se elevaram, o Sol extinguiu-se. E o que estava nas sombras saltou. Surgiu como um lobo, pelo preto e olhos sangrentos. Quando se precipitou pelo ar, Hoyt puxou do punhal. Mas o animal colidiu com a força do círculo, e foi repellido.

Uivou, mordeu, rosnou. Os seus dentes cintilaram brancos enquanto andava para trás e para a frente como que à procura de uma fraqueza no escudo.

Juntou-se a ele mais um, saído de trás das árvores, depois outro, e outro ainda, até Hoyt contar seis. Investiam juntos, recuavam juntos. Caminhavam juntos como soldados.

De cada vez que atacavam, o cavalo relinchava e empinava-se. Caminhou na direção da sua montada, com os olhos postos nos lobos enquanto pousava as mãos sobre ela. Isto pelo menos, ele podia fazer. Conseguiu fazer com que acalmasse, sossegando a sua fiel égua num transe. Depois, puxou da espada e mergulhou-a no chão junto ao fogo.

Pegou na comida que restava e água do poço, misturando mais ervas, embora os deuses soubessem que a sua automedicação não estava a

produzir bons efeitos. Sentou-se no chão junto ao fogo, espada de um lado, punhal do outro e o bastão sobre as pernas.

Aconchegou-se na capa a tremer, e após encharcar uma bolacha de aveia com mel, forçou-se a comê-la. Os lobos sentaram-se nos seus quadris, atiraram as cabeças para trás, e, como um só, uivaram à Lua que se erguia.

— Estão com fome, estão? — murmurou Hoyt por entre dentes. — Não há nada para vocês aqui. Oh, o que eu não dava por uma cama e um chá decente. — Sentou-se, o fogo dançava nos seus olhos até estes começarem a fechar-se. Quando o queixo tombou contra o peito, nunca se sentira tão só. Ou tão inseguro do seu caminho.

Pensou que era Morrigan que vinha ter com ele, pois era bonita e o seu cabelo era tão arrojado como o fogo. Caía direito como a chuva, as pontas tocavam nos ombros. Vestia preto, um traje estranho, atrevido o suficiente para deixar os braços à mostra e permitir que os peitos se elevassem do corpete. À volta do pescoço, usava um pentagrama com um selenito no centro.

— Isto não vai servir — disse ela numa voz estrangeira e impaciente. Ajoelhou-se ao lado dele e colocou a mão sobre a sua testa; o toque foi fresco e tranquilizador como a chuva da primavera. Cheirava a bosque, uma fragrância terrestre e misteriosa.

Por um momento louco, ele desejou simplesmente encostar a cabeça contra o peito dela e dormir com aquela fragrância a ocupar os seus sentidos.

— Estás a arder. Bem, vamos ver o que tens aqui, e vamos usá-lo para te curar.

Ela tremeluziu na sua visão por um momento, depois voltou a cristalizar-se. Os seus olhos eram verdes como os da deusa, mas o seu toque era humano.

— Quem és tu? E como é que entraste dentro do círculo?

— Flor velha, milefólio. Nenhuma caiena? Bem, disse que faríamos com que resultasse.

Ele observou enquanto ela se atarefava, como as mulheres o fazem, tirando água do poço, aquecendo-a com o fogo dele.

— Lobos — murmurou ela, arrepiando-se. E nesse calafrio, ele sentiu o medo dela. — Às vezes, sonho com lobos pretos, ou corvos. Por vezes, com a mulher. Ela é a pior. Mas esta é a primeira vez que sonho contigo. — Fez uma pausa por um momento, e ficou a olhar para ele por algum tempo com uns olhos de um verde profundo e misterioso. — E ainda assim, conheço a tua cara.

— Este sonho é meu.

Ela soltou um pequeno riso, depois deitou as ervas na água aquecida.  
— Como queiras. Vamos ver se te conseguimos ajudar a sobreviver a isto.

Ela passou a mão por cima da chávena.

— Poder da cura, ervas e água, preparadas esta noite pela filha de Hecate<sup>1</sup>. Esfriem a sua febre, atenuem a sua dor para que a força e a visão subsistam. Avive-se a magia neste simples chá. Por minha vontade, que assim seja.

— Que os deuses me salvem. — Hoyt conseguiu apoiar-se num coto-velo. — Tu és uma bruxa.

Ela sorriu enquanto caminhava na sua direção com a chávena. E ao sentar-se a seu lado, apoiou-lhe as costas com um braço.

— É claro. E tu não és?

— Eu não sou. — Ele ainda tinha energia suficiente para um insulto. — Eu sou um maldito feiticeiro. Tira esse veneno da minha frente. Até o cheiro é sórdido.

— Até pode ser, mas deve curar o que te aflige. — Ela simplesmente segurou com cuidado a cabeça dele no seu ombro. No momento em que ele se tentava libertar, ela apertou-lhe o nariz e deitou-lhe a infusão pela garganta abaixo. — Os homens são uns bebés quando estão doentes. E olha para a tua mão! Sangrenta e suja. Tenho qualquer coisa para isso.

— Afasta-te de mim — disse ele sem energia, embora o cheiro e o toque dela fossem sedutores e confortantes. — Deixa-me morrer em paz.

— Não vais morrer — referiu ela, mas olhou para os lobos com um olhar desconfiado. — Quão forte é o teu círculo?

— Forte o suficiente.

— Espero que estejas certo.

Cansaço e as folhas de valeriana que ela misturara no chá fizeram com que a sua cabeça tombasse de novo. Ela mudou de posição, para que pudesse colocar a cabeça dele no seu colo. E ali, acariciou-lhe o cabelo, não tirando os olhos do fogo.

— Já não estás sozinho — expressou ela serenamente. — E suponho que eu também não.

— O Sol... Quanto tempo falta para amanhecer?

— Quem me dera saber. Devias dormir agora.

— Quem és tu?

Mas se ela respondesse, ele não ia ouvir.

Quando ele acordou, ela desaparecera, assim como a febre. A aurora era uma luz difusa que deixava finos raios de luz trespassar as folhas de verão.

---

<sup>1</sup> Deusa da magia e da noite. (N. da T.)

Dos lobos apenas restava um, e estava ferido e ensanguentado fora do círculo. A sua garganta tinha sido rasgada, Hoyt pôde ver, e a sua barriga. Mesmo quando se tentava pôr de pé para se aproximar, o Sol irradiou luminoso através das folhas e atingiu a carcaça.

A carcaça começou a arder não deixando nada a não ser um monte de cinzas espalhadas pela terra enegrecida.

— Para o Inferno, tu e todos os teus semelhantes.

Hoyt virou as costas e ocupou-se a dar de comer ao cavalo, e a servir mais chá. Estava quase a terminar quando se apercebeu de que a sua palma estava curada. Apenas restava uma leve cicatriz. Dobrou os dedos, e levantou a mão para a luz.

Curioso, levantou a túnica. Ainda tinha os hematomas nas costelas, mas estavam a começar a desaparecer. E quando verificou, percebeu que se conseguia mexer sem que lhe doesse.

Se o que lhe apareceu durante a noite foi uma visão em vez do produto de um sonho febril, supôs que deveria estar grato.

Ainda assim, nunca tivera uma visão tão nítida. Nem uma que tivesse deixado tanto dela para trás. Ele jurava que ainda conseguia sentir o cheiro dela, e escutar a fluência e cadência da sua voz.

Ela dissera-lhe que conhecia o seu rosto. Era estranho que, algures dentro dele, ele sentia que também conhecia o dela.

Lavou-se, e embora o seu apetite tivesse voltado em força, tinha de se contentar com bagas e o que restava de um pão rijo.

Fechou o círculo e polvilhou com sal a terra enegrecida à sua volta. Uma vez em cima da sela, partiu a galope.

Com sorte, podia estar em casa ao meio-dia.

Não houve sinais, nem mensageiros, ou bruxas bonitas durante o resto da viagem. Apenas campos, laminados de verde, e de novo as sombras das montanhas, e as profundezas secretas da floresta. Ele sabia o caminho agora, conhecê-lo-ia nem que tivessem passado cem anos. E assim, mandou o cavalo num salto por cima de um pequeno muro de pedra, e galopou através do último campo em direção a casa.

Conseguia ver o fumo que saía da cozinha. Imaginou a sua mãe sentada na pequena sala de estar, a fazer renda talvez, ou a trabalhar numa das tapeçarias. À espera de notícias dos seus filhos. Desejou fazê-la sentir-se melhor.

O seu pai devia estar com o capataz a percorrer as terras, e as suas irmãs casadas nas suas próprias casas, e a pequena Nola nos estábulos a brincar com os cachorrinhos da nova ninhada.

A casa ficava metida na floresta, porque a sua avó, que tinha passado o poder para ele, e em menor dimensão para Cian, assim o quisera. Fica-

va próxima de um riacho, uma construção de pedra com janelas de vidro verdadeiro. E os jardins eram o grande orgulho da sua mãe, com rosas que brotavam desenfreadamente.

Um dos criados apressou-se para lhe pegar no cavalo. Hoyt simplesmente acenou com a cabeça perante a pergunta nos olhos do homem. Caminhou até à porta onde a bandeira preta em sinal de luto ainda estava hasteada.

Lá dentro, outro criado esperava para lhe levar o casaco. No corredor, estavam penduradas as tapeçarias da sua mãe e da sua avó, e um dos cães-lobo correu para o saudar.

Cheirava-lhe a cera de abelha, e a rosas acabadas de apanhar. O lume de turfa fervia na grelha. Deixou-os para trás, subindo as escadas até à sala de estar da mãe.

Ela estava à espera, como ele sabia que estaria. Sentada na sua cadeira, com as mãos no colo, apertadas tão forte que os nós dos dedos estavam brancos. O rosto carregava todo o peso da dor, e ficou ainda mais pesado quando ela viu o que estava diante dos seus olhos.

— Mãe...

— Estás vivo. Estás bem. — Pôs-se de pé e estendeu os braços para ele. — Perdi o meu filho mais novo, mas aqui está o meu primogénito, novamente em casa. Deves estar com fome e sede depois da longa viagem.

— Tenho muito para lhe contar.

— E vais contar.

— A todos vocês, por favor, mãe. Não posso ficar muito tempo. Peça desculpa. — Beijou-lhe a testa. — Peça desculpa por a deixar novamente.

**H**avia comida e bebida, e toda a sua família estava reunida à volta da mesa, exceto Cian. Mas não era uma refeição como tantas de que ele se lembrava, com risos e argumentos apregoados, com alegria ou desentendimentos insignificantes. Hoyt examinava os seus rostos, as belezas, as forças e as mágoas, enquanto ele lhes contava o que se passara.

— Se vais ter de travar uma batalha, eu vou contigo. Luto a teu lado.

Hoyt olhou para o seu cunhado Fearghus. Os seus ombros eram largos, os punhos estavam cerrados.

— Para onde eu vou, tu não me podes seguir. Não foste incumbido com esta luta. Tu e Eoin devem ficar aqui, para protegerem, com o meu pai, a família e a terra. Partiria com o coração mais pesado se não soubesse que tu e Eoin ficariam no meu lugar. Vocês devem usar isto.

Tirou as cruzes.

— Para cada um de vocês, e todas as crianças que vierem. Dia e noite,

noite e dia. Isto — referiu e ergueu uma — é a Cruz de Morrigan, forjada pelos deuses em fogo mágico. O vampiro não pode transformar ninguém que a use num dos da sua espécie. Isto deve ser passado para as gerações vindouras, em canção e história. Cada um de vocês vai jurar que vai usar esta cruz até à morte.

Levantou-se e colocou uma cruz em cada pescoço, esperando pelo juramento antes de continuar.

Depois, ajoelhou-se junto ao pai. As mãos do pai estavam velhas, Hoyt reparou com surpresa. Era mais agricultor do que guerreiro, e, num instante, soube que a morte do pai chegaria primeiro, e antes do Natal. Tal como sabia que nunca mais voltaria a olhar nos olhos do homem que lhe tinha dado a vida.

E o seu coração sangrou um pouco.

— Começo por me despedir de si, pai. A sua bênção.

— Vinga o teu irmão e volta para nós.

— Vou voltar. — Hoyt pôs-se de pé. — Preciso de reunir o que vou precisar.

Subiu até ao quarto que mantinha na torre mais alta, e aí começou a empacotar ervas e poções sem grande perceção do que iria precisar.

— Onde está a tua cruz?

Olhou na direção da porta onde se encontrava Nola, com o seu cabelo escuro pela cintura. Tinha apenas oito anos, pensou ele, e ocupava o lugar mais terno no seu coração.

— Ela não me fez nenhuma — respondeu-lhe, vivamente. — Eu tenho uma outra espécie de escudo, e não precisas de te preocupar. Sei muito bem o que faço.

— Não vou chorar quando fores embora.

— Porque o farias? Já fui embora outras vezes, não fui, e volto sempre?

— Vais voltar. Para a torre. Ela vai vir contigo.

Aconchegou os frascos com cuidado na mala, depois fez uma pausa para observar a sua irmã.

— Quem?

— A mulher de cabelo vermelho. Não a deusa, mas uma mulher mortal, uma que usa o sinal de bruxa. Não consigo ver Cian, e também não consigo ver se vais ganhar. Mas consigo-te ver, aqui com a bruxa. E estás com medo.

— E deve um homem ir para uma batalha sem medo? Não é o medo algo que o ajuda a manter-se vivo?

— Não sei nada sobre batalhas. Quem me dera ser um homem e um guerreiro. — A boca dela, tão jovem, tão delicada, ficou implacável. — Não me impedirias de ir contigo tal como fizeste com Fearghus.

— Como me atreveria? — Fechou a mala e aproximou-se dela. — Eu tenho medo. Não digas nada aos outros.

— Não digo.

Sim, o lugar mais terno no seu coração, pensou ele, e pegando na cruz de Nola, usou a magia para gravar o nome dela na parte de trás da cruz em escrita *ogham*.

— Isto faz com que esta cruz seja só tua — disse-lhe.

— Minha, e dos que vierem a ter o meu nome a seguir a mim. — Os olhos dela brilharam, mas as lágrimas não caíram. — Vais voltar a ver-me.

— É claro que vou.

— Quando voltares a ver-me, o círculo estará completo. Não sei como ou porquê.

— Quem mais vês, Nola?

Ela apenas acenou com a cabeça.

— Está escuro. Não consigo ver. Vou acender uma vela para ti, todas as noites, até voltares.

— Vou cavalgar para casa guiado por essa luz. — Inclinou-se para a abraçar. — Vou sentir saudades, em especial de ti. — Beijou-a delicadamente, depois afastou-a. — Fica bem.

— Vou ter filhas — gritou ela.

Fez com que ele se virasse e sorrisse. Tão delicada, refletiu, e tão intensa.

— Como sabes?

— É o meu destino — disse-lhe com uma resignação que fizeram os seus lábios contraírem-se. — Mas não serão fracas. Não vão ficar sentadas a tecer, a amassar e a cozinhar todo o maldito dia.

Nessa altura, ele sorriu abertamente, e soube que aquela era uma memória que levaria com ele com felicidade.

— Ah, não vão? Então, jovem mãe, o que é que as tuas filhas vão fazer?

— Vão ser guerreiras. E a vampira que se julga rainha vai estremecer perante elas.

Entrelaçou as mãos, muito como a mãe deles tinha o costume de fazer, mas sem a mesma mansidão.

— Vai com os deuses, irmão.

— Fica com a luz, irmã.

Ficaram a vê-lo partir: as três irmãs, os homens que as amavam e os filhos que já tinham tido, os seus pais, até mesmo os criados e os moços de cavalaria. Olhou uma vez mais para a casa que o seu avô e o pai dele outrora tinham construído de pedra naquela clareira, junto daquele riacho, e naquela terra que ele amava com todo o seu coração.



Depois, ergueu a mão em sinal de despedida, e cavalgou para longe deles e em direção ao Baile dos Deuses.

Ficava numa colina de relva rugosa que estava coberta pelo amarelo radioso dos ranúnculos. As nuvens adensaram-se no céu de modo que a luz teve de abrir caminho com dificuldade através delas com finos raios. O mundo estava tão calmo, tão silencioso, que ele teve a sensação de que viajava por uma pintura. O cinzento do céu, o verde da relva, as flores amarelas e o antigo círculo de pedras que estava ali desde o início dos tempos.

Hoyt sentiu aquele poder, o seu murmúrio no ar, na pele. Contornou as pedras com o cavalo, parando para ler a escrita *ogham* esculpida na pedra maior.

— Os mundos esperam — traduziu. — O tempo flui. Os deuses vigiam.

Tinha começado a desmontar quando um reflexo dourado do outro lado do campo lhe chamou a atenção. Ali, no limiar, encontrava-se uma camponesa. O verde dos seus olhos brilhava como o colar que usava. Caminhou na sua direção numa forma real, e mudou para a forma feminina da deusa.

— Chegaste em boa altura, Hoyt.

— Foi doloroso despedir-me da minha família. Foi melhor fazê-lo rapidamente.

Saltou do cavalo e fez-lhe uma vénia.

— Minha senhora.

— Filho. Estiveste doente.

— Uma febre, controlada agora. Fostes vós quem me enviou a bruxa?

— Não existe necessidade de enviar o que virá por sua própria vontade. Vais encontrá-la de novo, e aos outros.

— O meu irmão?

— Ele será o primeiro. A luz vai desaparecer em breve. Aqui está a chave do portal. — Abriu a mão e ofereceu-lhe uma pequena vara de cristal. — Mantém-na contigo, mantém-na a salvo e intacta. — Quando voltou a montar, ela abanou a cabeça e segurou as rédeas. — Não, tens de ir a pé. O teu cavalo vai regressar para casa em segurança.

Resignado aos caprichos dos deuses, pegou na caixa com as ervas e no saco. Prendeu a espada e tomou o peso do bastão.

— Como é que o vou encontrar?

— Através do portal, para o mundo que ainda está para vir. No interior do Baile, levanta a chave e diz as palavras. O teu destino está do outro lado. A humanidade está nas tuas mãos, a partir de agora. Através do portal — repetiu ela. — Para o mundo que ainda está para vir. No interior do Baile, levanta a chave, diz as palavras. Através do portal...

A voz dela seguiu-o, por entre as grandes pedras. Reprimiu o medo dentro dele. Se tinha nascido para aquilo, que assim fosse. A vida era longa, sabia. Simplesmente vinha em pequenas lufadas.

Levantou a pedra. Um único raio de luz atravessou aquelas espessas nuvens para atingir o seu topo. O poder derrubou o seu braço como uma flecha.

— Os mundos esperam. O tempo flui. Os deuses vigiam.

— Repete — disse-lhe Morrigan, e juntou-se a ele para que as palavras se tornassem num cântico.

— Os mundos esperam. O tempo flui. Os deuses vigiam.

O ar agitou-se à volta, converteu-se em vento, luz e som. O cristal na sua mão levantada brilhou como o Sol e cantou como uma sereia.

Ele ouviu a sua própria voz surgir num rugido, gritando as palavras nessa altura como num desafio.

E assim voou. Através da luz, do vento e do som. Para lá das estrelas, das luas e dos planetas. Sobre a água, que fez com que a sua barriga de feiticeiro se agastasse com náuseas. Mais rápido, até a luz ficar ofuscante, os sons ensurdecedores e o vento tão forte que ele se interrogou se não arrancaria a pele dos ossos.

Então, a luz esmoreceu, o vento morreu e o mundo ficou silencioso.

Inclinou-se sobre o bastão, tentando recuperar o fôlego, à espera que os olhos se ajustassem à mudança de luz. Cheirou alguma coisa, couro, pensou, e rosas.

Estava numa espécie de sala, apercebeu-se, mas diferente de tudo o que alguma vez vira. Estava fantasticamente mobilada com poltronas baixas de assento extenso e de cores escuras, e o chão estava coberto por um tecido. Algumas das paredes estavam adornadas com quadros, outras cobertas com livros. Dezenas de livros encadernados a couro.

Avançou, encantado, quando um movimento à sua esquerda o deteve friamente.

O seu irmão estava sentado atrás de uma espécie de mesa, onde o candeeiro que iluminava a sala cintilava de forma estranha. O cabelo estava mais curto do que antes, cortado pela nuca. Os olhos estavam brilhantes com o que parecia ser divertimento.

Na mão, tinha algum tipo de ferramenta de metal, que instintivamente Hoyt percebeu tratar-se de uma arma.

Cian apontou-a ao coração do seu irmão e inclinou-se para trás, deixando cair os pés em cima da mesa. Sorriu abertamente, e disse: — Bem, vejam o que o gato arrastou.

Com alguma perplexidade, Hoyt franziu o sobrolho, perscrutando o espaço à procura do gato.

— Não me conheces? — Hoyt avançou mais para a luz. — É Hoyt. É o teu irmão. Vim para...

— Para me matar? Demasiado tarde. Já morri há muito tempo. Porque não te deixas ficar onde estás por ora? Vejo muito bem com pouca luz. Pareces... bem, na verdade, completamente ridículo. Mas, contudo, estou impressionado. Quanto tempo levaste para a perfeita viagem pelo tempo?

— Eu... — Ter vindo pelo portal podia ter-lhe perturbado o cérebro, pensou. Ou de estar a ver o irmão morto, parecendo muito vivo. — Cian.

— Já não uso esse nome hoje em dia. É Cain, de momento. Uma sílaba. Tira a capa, Hoyt, e vamos dar uma olhadela ao que está por baixo.

— És um vampiro.

— Sim, sou, certamente. A capa, Hoyt.

Hoyt desprendeu o alfinete que a mantinha no lugar e deixou-a cair.

— Espada e punhal. Muitas armas para um feiticeiro.

— Vai haver uma batalha.

— Achas que sim? — De novo aquele divertimento ondeava, friamente. — Posso prometer-te que vais perder. O que eu tenho aqui é uma arma de fogo. É muito boa, na verdade. Dispara um projétil mais rápido do que tu possas pestanejar. Vais estar morto onde te encontras antes que possas puxar da espada.

— Não vim para lutar contigo.

— De verdade? Da última vez que nos encontramos... deixa-me refrescar a memória. Ah, sim, empurraste-me por um penhasco abaixo.

— Foste tu quem me empurrou primeiro do maldito penhasco — exprimiu Hoyt um pouco exaltado. — Partiste-me a porcaria das costelas enquanto ainda lá estavas. Pensei que tinhas morrido. Oh, deuses misericordiosos, Cian, pensei que tinhas morrido.

— Não morri, como podes obviamente ver. Volta para de onde vieste, Hoyt. Já tive uns mil anos, mais ou menos, para me esquecer do meu aborrecimento contigo.

— Para mim, morreste apenas há uma semana. — Levantou a túnica. — Deste-me estas nódoas negras.

O olhar de Cian foi arrastado para elas, e depois de volta para o rosto de Hoyt. — Vão sarar rapidamente.

— Vim com uma incumbência de Morrigan.

— Morrigan, é? — Desta vez o divertimento converteu-se em riso. — Aqui não existem deuses. Nenhum Deus. Nem fadas rainhas. A tua magia não tem lugar neste tempo, e tu também não.

— Mas tu tens.

— Adaptação é sobrevivência. O dinheiro é que é deus aqui, e o poder

o seu associado. Eu tenho ambos. Livrei-me das pessoas como tu há muito tempo.

— Este mundo vai acabar, vão todos acabar, por altura da festa de Samhain, a menos que me ajudes a detê-la.

— Deter quem?

— A que te transformou. A que se apelida de Lilith.



### CAPÍTULO 3

**L**ilith. O nome trouxe a Cian rasgos de memória, cem vidas passadas. Ainda a conseguia ver, cheirá-la, ainda sentia aquele repentino e horrorizado tremor no instante em que ela lhe tomou a vida.

Ainda conseguia sentir o gosto do seu sangue, e o que o invadira com ele. A negra, negra dádiva.

O seu mundo mudara. E tinha-lhe sido dado o privilégio, ou a maldição, de ver os mundos mudar ao longo de inúmeras décadas.

Não saberia ele que algo estava para vir? Por que outra razão ficara sentado sozinho no meio da noite à espera?

Que sórdida pequena reviravolta do destino enviara o seu irmão, ou o irmão do homem que ele fora outrora, através do tempo para proferir o nome dela?

— Bem, agora tens a minha atenção.

— Tens de voltar comigo, para te preparares para a batalha.

— Voltar? Para o século doze? — Cian soltou uma pequena gargalhada enquanto se encostava na cadeira. — Nada me vai convencer, asseguro-te. Gosto muito do conforto deste tempo. A água sai quente aqui, Hoyt, assim como as mulheres. Não estou interessado nas tuas políticas e guerras, e muito menos nos teus deuses.

— A batalha será travada, com ou sem ti, Cian.

— Sem, soa-me perfeitamente bem.

— Nunca viraste as costas a uma batalha, nunca te escondeste de uma luta.

— *Esconder* não seria o termo que usaria — referiu Cian descontraindamente. — E os tempos mudam. Acredita em mim.

— Se Lilith nos derrotar, tudo o que tu conheces vai perder-se neste tempo, para sempre. A humanidade vai acabar.

Cian inclinou a cabeça.

— Eu não sou humano.

— É essa a tua resposta? — Hoyt avançou mais uns passos na direção do irmão. — Vais ficar sentado sem fazer nada enquanto ela destrói? Vais ficar de braços cruzados enquanto ela faz a outros o que te fez a ti? Enquanto ela mata a tua mãe, as tuas irmãs? Vais ficar sentado aí enquanto ela transforma Nola naquilo que tu és?

— Elas estão mortas. Há muito tempo. São pó. — Será que não tinha visto os seus túmulos? Ele não tinha sido capaz de evitar regressar e de ficar ante as suas lápides, e as lápides daqueles que vieram depois delas.

— Esqueceste tudo o que te foi ensinado? Os tempos mudam, dizes. É mais do que mudança. Seria possível estar aqui se o tempo fosse fixo? O destino delas não está determinado, nem o teu. Mesmo agora, o nosso pai está a morrer, ainda assim eu deixei-o. Nunca mais o vou ver de novo com vida.

Lentamente, Cian levantou-se.

— Não fazes a mínima ideia do que ela é, do que ela é capaz. Ela era velha, com séculos de idade, quando me apanhou. Achas mesmo que vais apanhá-la com espadas e relâmpagos? És mais tolo do que me lembrava.

— Penso detê-la contigo. Ajuda-me. Se não pela humanidade, então por ti. Ou vais juntar-te a ela? Se não restou nada do meu irmão em ti, vamos terminar isto entre nós agora.

Hoyt puxou da espada.

Por um longo momento, Cian examinou a lâmina, considerando a arma que tinha na mão. Depois, enfiou a arma no bolso de novo.

— Guarda a tua espada. Por amor de Deus, Hoyt, se não me conseguiste vencer quando eu era vivo.

O desafio e a pura irritação passaram nos olhos de Hoyt.

— Não te safaste lá muito bem da última vez que lutámos.

— É verdade. Levei semanas a recuperar. Escondido nas grutas durante o dia, morto de fome. Procurei nessa altura por ela, sabes? Lilith, a que me transformou. De noite, enquanto lutava para caçar comida suficiente para sobreviver. Ela abandonou-me. Por isso, tenho contas a ajustar com ela. Guarda a maldita espada.

Quando Hoyt hesitou, Cian simplesmente pulou. Num piscar de olhos, estava em cima de Hoyt, pairando em cima da sua cabeça e aterrando facilmente nas suas costas. Desarmou o irmão com uma simples torção de pulso.

Hoyt virou-se devagar. A ponta da espada estava na sua garganta.

— Muito bem — conseguiu proferir.

— Somos mais rápidos e mais fortes. Não temos qualquer consciência a cegar-nos. Somos obrigados, para nos alimentarmos. Para sobreviver.

— Então, porque não estou morto?

Cian levantou um ombro.

— Vamos atribuí-lo à curiosidade, e um pouco pelos velhos tempos.

— Atirou a espada pela sala. — Bem, então, vamos tomar uma bebida.

Caminhou até um armário e abriu-o. Pelo canto do olho, viu a espada voar pela sala para a mão de Hoyt.

— Muito bem — disse calmamente e tirou uma garrafa de vinho. — Não me podes matar com aço, mas podes, se tiveres sorte suficiente, arranjar algum pedaço de mim que eu talvez prefira manter. Não conseguimos regenerar membros.

— Vou colocar as minhas armas de parte, e tu fazes o mesmo.

— É justo. — Cian tirou a arma do bolso e pousou-a em cima da mesa. — Embora um vampiro tenha sempre a sua arma. — Ofereceu um breve vislumbre de presas. — Não há nada a fazer quanto a isto. — Serviu dois copos enquanto Hoyt pousava a espada e o punhal. — Senta-te então, e podes contar-me porque é que eu me devo envolver para salvar o mundo. Sou um homem ocupado hoje em dia. Tenho empresas.

Hoyt pegou no copo oferecido, examinou-o, cheirou-o.

— O que é isto?

— Um vermelho italiano muito bom. Não preciso de te envenenar. — Para o demonstrar, bebeu um gole do seu próprio copo. — Podia partir-te o pescoço como um pequeno ramo. — Cian sentou-se, esticando as pernas. Depois, fez sinal com a mão para que Hoyt se sentasse. — Nos tempos de hoje, aquilo que estamos a ter aqui podia chamar-se de reunião, e estás prestes a apresentar o teu lance. Portanto... elucidame.

— Temos de reunir forças, começando por um grupo. Existe um erudito e uma bruxa, um que assume muitas formas e um guerreiro. Este último deves ser tu.

— Não. Não sou nenhum guerreiro. Sou um homem de negócios. — Continuou sentado, à vontade, dando a Hoyt um sorriso indolente. — Então os deuses, como de costume, deram-te lamentavelmente pouco com que trabalhar, e uma tarefa quase impossível. Com o teu grupo, e quem mais for louco o suficiente para se juntar a ele, esperam que destruas um exército conduzido por uma poderosa vampira, muito provavelmente com tropas da sua espécie, e outro tipo de demónios que se dignem a incomodar-se com eles. Senão, o mundo será destruído.

— Mundos — corrigiu Hoyt. — Há mais do que um.

— Tens razão sobre isso, em todo o caso. — Cian bebeu um gole, e meditou sobre o assunto. Quase não tinha desafios atualmente. Aquilo, pelo menos, parecia interessante.

— E o que é que os teus deuses dizem sobre o meu papel nisto?

— Tens de vir comigo, ensinar-me tudo o que souberes sobre os da espécie dela, e como os derrotar. Quais são as suas fraquezas? Os seus poderes? Que armas e magia os podem matar? Temos até à festa de Samhain para dominar isso e reunir o primeiro círculo.

— Tanto tempo? — O sarcasmo irrompeu. — O que é que eu ganho com tudo isto? Sou um homem rico, tenho muitos interesses para proteger aqui e agora.

— E ela vai permitir que mantenhas essa riqueza, esses interesses, caso domine?

Cian franziu os lábios. Algum pensamento o assolava.

— Possivelmente, não. Mas é mais do que provável que se eu te ajudar, arrisque tudo isso e a minha própria existência. Quando se é jovem, como tu és...

— Eu sou o mais velho.

— Não durante os últimos novecentos anos e a contar. Em qualquer caso, quando se é jovem, pensa-se que se vai viver para sempre, por isso corre-se todos os tipos de riscos disparatados. Mas quando já se viveu tanto tempo como eu, é-se mais cuidadoso. Porque a existência é perentória. Sou impelido a sobreviver, Hoyt. Humanos e vampiros têm isso em comum.

— Sobrevives sentado sozinho no escuro nesta pequena casa?

— Não é uma casa — disse Cian de modo ausente. — É um escritório. Um lugar de negócios. Tenho muitas casas, por acaso. Isso também é sobrevivência. Existem impostos e registos e toda uma espécie de coisas para contornar. Como a maioria dos da minha espécie, raramente fico no mesmo lugar por muito tempo. Somos nómadas por natureza e necessidade.

Inclinou-se para a frente, descansando os cotovelos nos joelhos. Havia tão poucos a quem podia contar o que era. Essa fora a sua escolha, essa fora a vida que ele construía.

— Hoyt, vi guerras, inúmeras guerras, como nunca imaginaste. Ninguém as ganha. Se fores para a frente com isto, vais morrer. Ou transformar-te. Vai ser uma satisfação para Lilith, transformar um feiticeiro do teu poder.

— Achas que tenho escolha?

— Se acho. — Voltou a recostar-se. — Há sempre. Fiz muitas durante as minhas vidas. — Fechava os olhos agora, agitando indolentemente o seu vinho. — Alguma coisa está a ser preparada. Tem havido rumores no



mundo abaixo deste. Nos lugares obscuros. Se é como dizes, é maior do que supus. Devia ter prestado mais atenção. Não socializo com vampiros como seria de prever.

Perplexo, dado que Cian sempre fora sociável, Hoyt franziu o sobrolho.

— E porque não?

— Porque, como é hábito, eles são mentirosos e assassinos e atraem demasiada atenção. E os humanos que socializam com eles são normalmente loucos ou condenados. Eu pago os meus impostos, guardo os meus relatórios e mantenho a discrição. E a cada década ou por aí, mudo-me, adoto outro nome e não levanto muitas ondas.

— Não entendo metade do que dizes.

— Já imaginava que não — retorquiu Cian. — Ela vai foder isto para toda a gente. Os banhos de sangue sempre o fazem, e aqueles demónios que pensam que querem destruir o mundo são ridiculamente limitados. Temos de viver nele, não temos?

Sentou-se em silêncio. Conseguia concentrar-se e ouvir cada batida do coração do irmão, escutar o fraco zunido elétrico dos controlos climáticos da sala, o zumbido da lâmpada na sua secretária do outro lado da sala. Ou podia bloqueá-los, como fazia a maioria das vezes com os barulhos de fundo.

Tinha aprendido a fazê-lo ao longo dos tempos.

Uma questão de escolha, pensou de novo. Bem, porque não?

— Resume-se a sangue — referiu Cian, e os seus olhos mantiveram-se fechados. — Em primeiro e por último, vem o sangue. Ambos precisamos dele para sobreviver, a tua espécie e a minha. É o que sacrificamos, pelos deuses que veneras, pelos países, pelas mulheres. E o que derramamos pelas mesmas razões. A minha espécie não é picuinhas com as razões.

Abriu os olhos de novo, e mostrou a Hoyt como podiam ficar vermelhos.

— Apenas o tomamos. Ansiamos por ele, suspiramos. Sem ele, deixamos de existir. Faz parte da nossa natureza caçar, matar, alimentarmo-nos. Alguns de nós gostam mais disso do que outros, tal como os humanos. Alguns de nós sentem prazer em causar dor, em instigar o medo, atormentando e torturando a nossa vítima. Tal como os humanos. Não somos todos iguais, Hoyt.

— Vocês são assassinos.

— Quando vocês caçam um animal na floresta e lhe tiram a vida, chamam a isso assassinio? Vocês não são mais do que isso, são menos, muito menos, para nós.

— Eu vi a tua morte.

— A queda dos penhascos não foi...

— Não. Eu vi ela matar-te. Pensei primeiro que fosse um sonho. Vi-te a sair da taberna, a ir com ela na sua carruagem. E a copular com ela quando a carruagem se afastou da aldeia. E vi os olhos dela mudarem, e como as presas reluziram no escuro, antes de ela as penetrar na tua garganta. Vi o teu rosto. A dor, o choque e...

— Excitação — terminou Cian. — Êxtase. É um momento de alguma intensidade.

— Tu tentaste lutar, mas ela era um animal em cima de ti, e pensei que tivesses morrido, mas não morreste. Não completamente.

— Não, para nos alimentarmos, simplesmente sugamos o sangue, secamos a vítima se assim o quisermos. Mas para transformar um humano, este tem de beber o sangue do seu criador.

— Ela cortou o próprio peito, e pressionou a tua boca contra ele, e mesmo assim tentaste lutar até começares a amamentar-te nela como um bebé.

— A sedução é poderosa, tal como o instinto de sobrevivência. Era beber ou morrer.

— Quando ela terminou, atirou-te para a estrada, e deixou-te ali. Foi lá que te encontrei. — Hoyt bebeu um gole profundo de vinho, enquanto a sua barriga estremecia. — Ali te encontrei, coberto de sangue e lama. E é isto que tu fazes para sobreviver? Ao animal é dado mais respeito.

— Queres censurar-me? — replicou Cian, enquanto se levantava para ir buscar a garrafa de novo. — Ou queres saber?

— Preciso de saber.

— Alguns caçam em bandos, outros sozinhos. Ficamos mais vulneráveis quando despertamos, desde que acordamos no túmulo até ao início de cada noite, se tivermos dormido durante o dia. Somos criaturas da noite. O Sol é a nossa morte.

— Ardem com ele.

— Vejo que sabes alguma coisa.

— Sei. Eles tentaram caçar-me quando viajava para casa. Em forma de lobos.

— Apenas vampiros de alguma idade e poder, ou aqueles sob a proteção de algum poderoso criador, podem mudar de forma. A maioria tem de se contentar com a forma com a qual morreu. No entanto, nós não envelhecemos fisicamente. Um bom bónus.

— Tens a mesma aparência — retorquiu Hoyt. — No entanto, não. É mais do que a maneira de vestir, ou o cabelo. Moves-te de maneira diferente.

— Não sou o que era, e devias lembrar-te disso. Os nossos sentidos são intensificados e ficam mais apurados quanto mais tempo sobreviver-

mos. O fogo, assim como o Sol, destroem-nos. Água benta, se tiver sido sinceramente abençoada, queima-nos, tal como o símbolo da cruz, se segurado com fé. Somos repelidos pelo símbolo.

Cruzes, pensou Hoyt. Morrigan tinha-lhe dado cruzes. Tirou parte do peso de cima dos seus ombros.

— O metal é completamente inútil — continuou Cian. — A menos que consigas cortar-nos a cabeça. Isso seria o suficiente. Caso contrário...

Cian voltou a levantar-se, caminhou e pegou no punhal de Hoyt. Sacudiu-o no ar, apanhou o cabo com elegância, depois mergulhou a lâmina no seu peito.

— Esquecera-me de como isto doía. — Encolhendo-se, Cian puxou a lâmina para fora. — É o que ganho por ser um exibicionista. Faz o mesmo com madeira, e viramos cinza. Mas tem de atravessar o coração. O nosso fim é agonizante, ou assim me disseram.

Tirou um lenço e limpou a lâmina. Depois, despiu a camisa. A ferida estava já a fechar.

— Já morremos uma vez e não somos facilmente aniquilados uma segunda. E lutaremos violentamente com quem o tentar. Lilith é a mais velha que alguma vez conheci. Ela luta com mais brutalidade do que qualquer um.

Fez uma pausa, e ficou a matutar com o seu vinho na mão.

— A tua mãe. Como é que a deixaste?

— De coração partido. Eras o seu favorito. — Hoyt encolheu os ombros enquanto Cian olhava para o seu rosto. — Ambos o sabíamos. Ela pediu-me que tentasse encontrar uma forma. Aquando da primeira dor, não conseguia pensar em mais nada.

— Acredito que nem mesmo a tua magia pode reerguer os mortos. Ou os não-mortos.

— Fui até à tua sepultura naquela noite, para pedir aos deuses que dessem alguma paz ao coração dela. Encontrei-te, coberto de lama.

— A esgravatar o meu caminho para fora daquela sepultura suja.

— Estavas a devorar um coelho.

— Provavelmente, o melhor que consegui encontrar. Não posso dizer que me lembre. As primeiras horas após o Despertar são incoerentes. Há apenas fome.

— Fugiste de mim. Vi o que eras, já tinham havido rumores sobre a existência de tais criaturas antes, e tu fugiste. Fui até aos penhascos na noite em que te vi de novo, mandado pela mãe. Ela implorou-me que encontrasse uma forma de quebrar o feitiço.

— Não é um feitiço.

— Pensei, ou melhor, esperei que se destruísse a criatura que te criou... Ou caso falhasse, mataria aquilo em que te transformaste.

— E não fizeste nenhuma das duas — recordou-o Cian. — O que te mostra aquilo que tens de enfrentar. Eu era inexperiente, e mal sabia o que era, ou do que era capaz. Acredita em mim, ela terá a astúcia do seu lado.

— E eu vou ter-te do meu lado?

— Não tens qualquer hipótese de ganhar isto.

— Subestimas-me. Tenho muito mais do que isso. Quer se tenha passado um ano ou um milénio, continuas a ser o meu irmão. O meu gémeo. O meu sangue. Tu próprio o disseste, trata-se de sangue, em primeiro e último lugar.

Cian deslizou um dedo pelo copo de vinho. — Vou contigo. — Depois, ergueu esse mesmo dedo antes que Hoyt pudesse falar. — Porque sou curioso e estou um pouco aborrecido. Já estou neste lugar há dez anos, por isso está na altura de mudar, em todo o caso. Não prometo nada. Não depende de mim, Hoyt. Vou satisfazer-me primeiro.

— Não podes caçar humanos.

— Ordens, já? — Os lábios de Cian franziram-se ligeiramente. — Típico. Tal como referi, satisfaço-me primeiro. Acontece que não me alimento de sangue humano há oitocentos anos. Bem, setecentos e cinquenta, dado que tive uma recaída.

— Porquê?

— Para provar que era capaz de resistir. E porque é outra forma de sobreviver, e bem, no mundo dos humanos, com as suas leis. Se eles forem presas, é impossível olhar para eles como mais do que uma simples refeição. Torna-se embaraçoso fazer negócios. E a morte geralmente deixa um rasto. Está quase a amanhecer.

Distraído, Hoyt olhou em volta da sala sem janelas.

— Como sabes?

— Sinto-o. E estou cansado de perguntas. Tens de ficar comigo, por agora. Não confio muito que andes por aí pela cidade. Podemos não ser idênticos, mas és demasiado parecido comigo. E essas roupas têm de desaparecer.

— Esperas que use... o que é isso?

— Chamam-se calças — mencionou Cian friamente e caminhou até à outra ponta da sala para um elevador privado. — Tenho um apartamento aqui, é mais simples.

— Vais reunir o que precisas, e vamos embora.

— Não viajo durante o dia e não recebo ordens. Atualmente, sou eu quem as dou, e já o é assim há algum tempo. Tenho de tratar de algumas coisas antes de me poder ir embora. Tens de entrar aqui.

— O que é isto? — Hoyt tocou nas paredes do elevador com o seu bastão.

— Um meio de transporte. Vai levar-nos para cima para o meu apartamento.

— Como?

Cian passou uma mão pelo cabelo.

— Olha, tenho livros lá em cima, e outros materiais educacionais. Podes passar as próximas horas a estudar a cultura do século XXI, os seus costumes e tecnologia.

— O que é a tecnologia?

Cian puxou o seu irmão para dentro, e pressionou o botão para o andar de cima.

— É outro deus.

Aquele mundo, aquela época eram cheios de milagres. Hoyt queria ter tempo para aprender tudo, para absorver tudo. Não havia archotes para iluminar a sala, em vez disso algo que Cian chamava de eletricidade. A comida era guardada numa caixa tão alta como um homem, sendo mantida fria e fresca, e havia ainda uma outra caixa que era usada para a aquecer e cozinhar. A água saía por uma espécie de varinha e caía para uma bacia de onde desaparecia para um buraco.

A casa onde Cian vivia era de uma construção bem alta na cidade, e que cidade! O vislumbre que Morrigan lhe dera não fora nada comparado com aquilo que ele conseguia ver através da parede de vidro do alojamento de Cian.

Hoyt pensou que até mesmo os deuses ficariam atordoados com o tamanho e envergadura daquela Nova Iorque. Queria olhar lá para fora, para ela de novo, mas Cian exigira que jurasse que manteria as paredes de vidro tapadas e que não se aventuraria a sair da casa.

Apartamento, Hoyt corrigiu. Cian chamara-lhe apartamento.

Ele tinha livros, tantos livros, e a caixa mágica que Cian chamara de televisão. De facto, as visões dentro dela eram muitas, de pessoas e lugares, de coisas, animais. E embora apenas passasse uma hora a brincar com ela, ficou cansado com a constante tagarelice.

Por isso, rodeou-se de livros e leu, leu até os olhos lhe arderem e a cabeça ficar demasiado cheia para mais palavras ou imagens.

Adormeceu em cima daquilo que Cian chamara de sofá, rodeado de livros.

Sonhou com a bruxa e viu-a dentro de um círculo de luz. Apenas usava um pendente, e a sua pele brilhava de um branco pálido sob a luz das velas.

A sua beleza simplesmente incendiava.

Segurava uma bola de cristal no ar com as duas mãos. Ele conseguia ouvir o murmúrio da sua voz, mas não as palavras. Ainda assim, sabia que era um encantamento, podia sentir o poder dela através do sonho. E sabia que o procurava.

Mesmo a dormir, sentiu que ela o puxava, e foi essa mesma impaciência que ele sentira nela dentro do círculo, na sua própria época.

Pareceu por um instante que os olhos deles se encontravam através da névoa. E era desejo o que o penetrava tanto quanto poder. Nesse instante, os lábios dela curvaram-se, abriram-se, como se fosse falar com ele.

— Que raio de roupa é essa?

Acordou e deu consigo a olhar fixamente para o rosto de um gigante. A criatura era alta e densa como uma árvore. Tinha um rosto que teria feito chorar uma mãe, negro como a noite, com uma cicatriz na face, e rodeado por madeixas de cabelo cheio de nós.

Tinha um olho preto e o outro cinzento. Ambos semicerrados enquanto revelava uns dentes brancos e fortes.

— Não és o Cian.

Antes que Hoyt pudesse reagir, foi içado pelo pescoço e foi abanado como um rato por um gato muito grande e zangado.

— Larga-o, King, antes que ele te transforme num pequeno homem branco.

Cian deambulou para fora do seu quarto, e continuou preguiçosamente até à cozinha.

— Como é que ele tem o teu rosto?

— Ele tem o seu próprio rosto — replicou Cian. — Não somos assim tão parecidos, se olhares com atenção. Foi meu irmão em tempos.

— Ai sim? Filho de uma puta. — King largou Hoyt de novo no sofá com brusquidão. — Como raios é que ele chegou aqui?

— Feitiçaria. — Enquanto falava, Cian tirou um saco transparente com sangue de dentro de uma caixa fria fechada à chave. — Deuses e batalhas, fim do mundo, blá, blá, blá.

King olhou para Hoyt com um sorriso rasgado.

— Diabos me levem! Sempre pensei que metade das tretas que me contavas fosse, bem, tretas. Ele não está muito para conversas antes de começar a noite — disse King para Hoyt. — Tens um nome, irmão?

— Sou Hoyt de Mac Cionaoith. E não voltas a colocar as tuas mãos em cima de mim.

— Isso é um palavrão.

— Ele é como tu? — perguntaram em unísono Hoyt e King.

Com um ar cansado, Cian deitou o sangue num copo de vidro alto e espesso, depois colocou-o no micro-ondas.

— Não, para ambos. King gere o meu clube, o que fica lá em baixo. É um amigo.

Os lábios de Hoyt despegaram-se em repugnância.

— O teu criado humano.

— Não sou criado de ninguém.

— Estiveste a ler. — Cian retirou o copo e bebeu. — Alguns vampiros de posição social têm criados humanos. Eu prefiro empregados. Hoyt veio recrutar-me para o exército que ele espera reunir para combater um grande mal.

— O fisco?

Mais bem-humorado, Cian esboçou um sorriso rasgado. Hoyt percebeu alguma coisa entre eles, algo que outrora partilhara com o seu irmão.

— Quem dera que fosse isso. Não, eu disse-te que tinha ouvido rumores. Aparentemente, por alguma razão. Segundo conversa dos deuses, Lilith dos Vampiros está a reunir o seu próprio exército e planeia destruir a humanidade e assumir o controlo dos mundos. Guerra, peste, epidemia.

— Estás a brincar com o assunto? — perguntou Hoyt com uma fúria mal suprimida.

— Jesus Cristo, Hoyt, estamos a falar de exércitos de vampiros e viagens no tempo. Podes crer que estou a brincar com o assunto. Ir contigo é mais do que certo que irá levar-me à morte.

— Vais aonde?

Cian encolheu os ombros para King.

— Voltar ao meu passado, suponho, para servir pelo menos de conselheiro para a ponderação geral.

— Não sei se temos de voltar atrás no tempo, ou ir para a frente, ou para o lado. — Hoyt empurrou os livros sobre a mesa. — Mas vamos voltar para a Irlanda. Lá ser-nos-á dito para onde devemos ir a seguir.

— Tens uma cerveja? — perguntou King.

Cian abriu o frigorífico, tirou uma garrafa de *Harp* e atirou-a.

— Então, e quando é que partimos? — King desenroscou a tampa e bebeu um longo gole.

— Tu não vais. Já te tinha dito antes que, quando chegasse a altura de eu partir, dar-te-ia o controlo e os lucros do clube. Aparentemente, essa altura chegou.

King simplesmente virou-se para Hoyt.

— Estás a criar um exército, General?

— Hoyt. Sim, estou.

— Acabaste de conseguir o teu primeiro recruta.

— Para. — Cian transpôs o balcão que separava a cozinha. — Isto não é para ti. Tu não sabes nada sobre isto.

— Sei sobre ti — retomou King. — Sei que gosto de uma boa luta, e já não tenho uma há uns tempos. Falas de uma grande batalha, o bem contra o mal. Gosto de escolher o meu lado desde logo.

— Se ele é um rei<sup>2</sup>, porque é que deve receber ordens de ti? — perguntou Hoyt, e o negro gigante desatou a rir tanto, que teve de se sentar no sofá.

— Apanhado.

— A lealdade despropositada vai fazer com que morras.

— A escolha é minha, irmão. — King apontou para a garrafa na direção de Cian. Uma vez mais, algo silencioso e forte se passava entre eles com apenas um olhar. — E não considero a minha lealdade despropositada.

— Hoyt, vai para outro lado. — Cian sacudiu um polegar na direção do seu quarto. — Vai para ali. Quero falar em privado com este idiota.

Ele preocupava-se, pensou Hoyt enquanto lhe fazia a vontade. Cian preocupava-se com este homem, uma característica humana. Nada do que ele lera indicara que os vampiros podiam ter sentimentos verdadeiros para com os humanos.

Franziu o sobrolho enquanto perscrutava o quarto. Onde estava o caixão? Os livros tinham mencionado que os vampiros dormiam sobre a terra do seu túmulo, dentro de um caixão, durante o dia. O que ele via ali era uma cama enorme, com um colchão tão suave como as nuvens, e coberto com roupas macias.

Ouvia as vozes alteradas do outro lado da porta, mas começou a explorar o quarto pessoal do irmão. Roupas suficientes para dez homens, pensou quando encontrou o roupeiro. Bem, Cian sempre fora vaidoso.

Mas nenhum espelho. Os livros tinham mencionado que os vampiros não projetavam qualquer reflexo.

Vagueou até à casa de banho, e o seu queixo caiu. A extensa latrina que Cian lhe mostrara antes de se retirar era extraordinária, mas em nada se comparava com aquela. A banheira era ampla o suficiente para caberem seis pessoas, e havia também uma caixa alta de vidro verde-claro. As paredes eram de mármore, tal como o chão.

Fascinado, entrou na caixa, e começou a brincar com os puxadores de prata que sobressaíam do mármore. E entrou em choque quando um aguaceiro de água fria começou a jorrar de muitos tubos achatados.

— Por aqui, costumamos tirar as nossas roupas antes de entrar no duche. — Cian entrou e desligou a água com uma forte rotação de pulso. Depois, cheirou o ar. — Pensando bem, vestido ou não, estás mesmo a precisar de um. Estás mesmo muito fétido. Lava-te — ordenou. — Veste as roupas que deixei em cima da cama. Vou trabalhar.

---

<sup>2</sup> Trocadilho com o nome da personagem King = Rei (em inglês). (N. da T.)



Saiu, deixando Hoyt a atrapalhar-se sozinho.

Descobriu, após algum tempo e frio, que a temperatura da água podia ser ajustada. Escaldou-se, gelou, mas por fim encontrou o feliz meio-termo.

O irmão devia estar a falar a pura verdade quando referiu a sua riqueza, pois aquilo era um luxo nunca imaginado. A fragrância do sabão parecia um pouco feminina, mas era tudo.

Hoyt comprazeu-se no seu primeiro duche do século XXI, e perguntou-se se seria capaz de encontrar uma forma de o duplicar, através da ciência ou da magia, quando regressasse a casa.

Os panos pendurados ali perto eram tão suaves como a cama. Sentiu-se decadente ao usar um para se secar.

Não se importava com as roupas, mas as suas estavam molhadas. Considerou ir lá fora buscar a túnica de reserva à mala, mas pareceu-lhe melhor seguir o conselho de Cian em questões de roupa.

Levou o dobro do tempo a vestir-se. Os fechos estranhos quase o derrotaram. Os sapatos não tinham atacadores, simplesmente enfiavam-se rapidamente no pé. Viu-se forçado a admitir que eram bastante confortáveis.

Mas desejou que houvesse um maldito espelho para que se pudesse ver. Saiu do quarto e apareceu bruscamente. O negro King ainda estava no sofá, a beber da garrafa de vidro.

— Que melhoria — observou King. — Provavelmente, passas despercebido se mantiveres sobretudo a boca fechada.

— O que é esta fixação aqui?

— É um fecho. Ah, vais querer manter isso fechado, amigo. — Levantou-se. — Cian foi lá para baixo para o clube. Já passa do pôr-do-sol. Ele despediu-me<sup>3</sup>.

— Foste queimado? Tenho unguento.

— Não. Merda. Ele pôs termo ao meu emprego. Depois, passa-lhe. Ele vai, eu vou. Não temos de gostar.

— Ele acredita que vamos todos morrer.

— Ele tem razão, mais cedo ou mais tarde. Alguma vez viste o que um vampiro pode fazer a um homem?

— Vi o que uma fez ao meu irmão.

Os estranhos olhos de King ficaram tristes.

— Sim, sim, é verdade. Bem, este é o caminho. Não espero ficar sentado à espera que algum me faça o mesmo. Ele tem razão, têm havido rumores. Vai haver uma batalha, e eu vou fazer parte dela.

---

<sup>3</sup> No original *He fired me. To fire* em inglês pode significar incendiar além de despedir, dependendo do contexto, daí o trocadilho. (N. da T.)

Um homem gigantesco, pensou Hoyt, de rosto assustador e grande força.

— Tu és um guerreiro.

— Podes apostar. Vou dar cabo de uns vampiros, sim, acredita em mim. Mas não esta noite. Porque é que não descemos? Vamos ver o que se passa. Isso vai irritá-lo.

— Ao seu... — O que é que Cian lhe havia chamado? — Ao seu clube?

— É isso mesmo. Ele chama-lhe Eternity. Suponho que saiba alguma coisa sobre isso.



## CAPÍTULO 4

**E**la ia encontrá-lo. Se um homem a arrastava para os seus sonhos, a impulsionava para experiências fora do corpo e geralmente perturbava os seus pensamentos, iria localizá-lo e descobrir porquê.

Há dias que ela se sentia como se estivesse à beira de um precipício alto e frágil. Num dos lados, alguma coisa brilhante e bela, do outro, um vazio terrível e frio. Mas o próprio precipício, embora um pouco instável, era o que ela reconhecia.

O que quer que fosse que fermentava dentro dela, ele fazia parte, isso, ela sabia. Não era daquele tempo, nem daquele lugar. Os rapazes de Nova Iorque, do século XXI, simplesmente não tinham o hábito de viajar a cavalo e não usavam capas e túnicas.

Mas ele era real, era carne e sangue tão real como ela. Ela já tivera aquele sangue nas suas mãos, não tivera? Tinha-lhe esfriado a carne e ficado a ver a febre ser adormecida. O seu rosto, pensou ela, era-lhe tão familiar. Como algo que ela recordava, ou apanhara um vislumbre em sonhos.

Era bonito, mesmo quando estava em sofrimento, meditava enquanto o desenhava. Esguio e angular, aristocrático. Um nariz longo e estreito, uma boca forte e esculpida. Excelentes maçãs do rosto contundentes.

A sua imagem surgiu verdadeira no papel tal como ela a calculara, primeiro em traços amplos, depois com detalhes cuidadosos. Olhos encoados, ela lembrava-se, de um azul vivo e intensos com um quase dramático arco de sobrancelhas por cima deles. E o contraste daquele cabelo preto, daquelas sobrancelhas pretas e dos olhos azuis estouvados com a sua pele apenas acrescentavam mais drama.

Sim, pensou ela, podia vê-lo, podia esboçá-lo, mas até o encontrar, ela não sabia se devia saltar da beira daquele precipício ou afastar-se dali.

Glenna Ward era uma mulher que gostava de saber.

Por isso, conhecia o seu rosto, a forma e toque do seu corpo, até mesmo o som da sua voz. Ela sabia, sem dúvida, que ele tinha poder. E acreditava que ele tinha respostas.

O que quer que estivesse para chegar, e todos os maus presságios a tinham avisado de que seria grande, ele estava relacionado com isso. Ela tinha um papel a desempenhar, sabia-o quase desde o primeiro fôlego que tinha um papel a desempenhar. Sentia que estava prestes a desempenhar o papel da sua vida. E o atraente homem ferido envolto nas nuvens da magia e preocupações estava destinado a compartilhá-lo com ela.

Ele falara gaélico, gaélico irlandês. Ela sabia um pouco, usava a linguagem ocasionalmente em feitiços, e era capaz até de ler alguma coisa de uma forma muito rudimentar.

Mas curiosamente, ela não só compreendera tudo o que ele dissera no sonho — experiência, visão, o que fosse —, como tinha sido capaz de a falar como uma nativa.

Portanto, algures no passado — no bom, antigo passado, pensou. E possivelmente algures na Irlanda.

Ela fizera feitiços para adivinhar e feitiços para localizar, usando a ligadura ensanguentada que trouxera com ela daquela estranha e intensa visita a... onde quer que estivera. O sangue dele e o seu próprio talento levá-la-iam até ele.

Ela esperava uma grande quantidade de trabalho e esforço. Duplicado pelo trabalho e esforço que estivessem envolvidos em transportá-la, ou pelo menos a sua essência, para o tempo e o lugar dele.

Estava preparada para o fazer, ou pelo menos tentar. Sentou-se dentro do seu círculo, com as velas acesas e as ervas a flutuar na água da bacia. Uma vez mais, procurava por ele, focando-se no esboço do seu rosto e a segurar a roupa que trouxera de volta com ela.

— Procuo o homem que carrega este rosto, a minha demanda é encontrar o seu tempo, o seu lugar. Seguro o seu sangue dentro da minha mão, e com esse poder reivindico. Procura, encontra e mostra-me. Assim como o desejo, que assim seja.

Na sua mente, ela viu-o, de testa franzida enquanto se enterrava nos livros. Concentrou-se, recuou e viu o espaço. Um apartamento? Luz ténue, apenas a iluminar-lhe a face, as suas mãos.

— Onde estás? — perguntou suavemente. — Mostra-me.

E viu o prédio, a rua.

A emoção do sucesso combinada com absoluta perplexidade.

A última coisa que esperara era descobrir que ele estava em Nova Iorque, a uns sessenta quarteirões de distância, e no presente.

Os destinos, cogitou Glenna, estavam com uma pressa incendiária para iniciar as coisas. Quem era ela para os questionar?

Fechou o círculo, guardou os apetrechos e enfiou o esboço na gaveta da secretária. Depois, vestiu-se, pensando primeiro um pouco nas várias opções que tinha. O que é que uma mulher deve usar para se ir encontrar com o seu destino? Qualquer coisa vistosa, discreta, formal? Qualquer coisa exótica?

No final, decidiu-se por um pequeno vestido preto que funcionava para tudo.

Viajou de metro para a parte alta da cidade, deixando a cabeça arejar. Havia um tamborilar no seu coração, uma antecipação que crescera nela durante as últimas semanas. Aquilo, pensou, era o próximo passo para o que quer que fosse que a esperava.

E fosse o que fosse, o que quer que estivesse para vir, o que quer que acontecesse a seguir, ela queria estar preparada.

Depois, tomaria as suas decisões.

O metro estava a abarrotar de gente, por isso teve de ficar de pé, e segurou-se numa das pegas suspensas balançando ligeiramente com o movimento da carruagem. Ela gostava do ritmo da cidade, do seu rápido andamento, das suas músicas ecléticas. De todos os seus tons e tonalidades.

Crescera em Nova Iorque, mas não na cidade, e sim a norte do Estado. A sua pequena cidade sempre lhe parecerá demasiado limitada, demasiado fechada. Ela queria mais, sempre. Mais cor, mais som, mais pessoas. Passara os últimos quatro anos dos seus vinte e seis anos de idade na cidade.

E toda a sua vida a explorar a arte.

Alguma coisa no seu sangue lhe sussurrava agora, como se soubesse, como se uma parte dela soubesse que se preparara toda a sua vida para as próximas horas.

Na paragem seguinte, pessoas entraram e saíram em fila. Deixou o burburinho invadi-la enquanto trazia a imagem do homem que procurava de volta à sua mente.

Não era o rosto de um mártir, pensou. Havia demasiado poder nele para isso. E demasiado aborrecimento. Ela achava uma mistura muito interessante, podia admiti-lo.

O poder do círculo que ele lançara tinha sido forte, assim como o que quer que o perseguia. Também estavam presentes nos sonhos dela aqueles lobos pretos que não eram nem animais nem humanos, mas algo horrível de ambos.

Despreocupadamente, brincou com o pendente que usava no pescoço. Bem, ela também era forte. Sabia como proteger-se.

— Ela vai alimentar-se de ti.

A voz era um zunido que sussurrava atrás do seu pescoço e lhe gelava a pele. Depois, o que falara mexeu-se, parecia planar e flutuar num círculo à sua volta, e o frio que emanava fez com que o seu fôlego se soltasse tremeliquento de entre os lábios, congelando o ar.

Os outros passageiros continuaram sentados ou de pé, a ler ou a falar. Impassíveis. Desconhecedores do que deslizava à volta dos seus corpos como uma cobra.

Os olhos eram vermelhos, os dentes longos e afiados. Manchados de sangue, que pingava obscenamente da boca. Dentro do peito, o coração de Glenna estava apertado como um punho e começou a bater, a bater, a bater contra as costelas.

Possuía uma forma humana, e pior, de certo modo pior, usava um fato. Às riscas azuis, reparou apaticamente, uma camisa branca nova e uma gravata com cornucópias.

— Somos imortais.

Passou uma mão ensanguentada sobre a face de uma mulher que estava sentada a ler um romance de livro de bolso. Mesmo com a face suja de sangue, a mulher virou a página e continuou a ler.

— Vamos conduzir-vos como gado, montar-vos como cavalos, apanhar-vos como ratazanas. Os vossos poderes são fracos e patéticos, e quando acabarmos convosco, vamos dançar em cima dos vossos ossos.

— Então, porque tens medo?

Aquela coisa despegou os lábios num grunhido e saltou.

Glenna abafou um grito e tropeçou para trás.

Quando o comboio começou a circular por um túnel, a criatura desapareceu.

— Tenha cuidado, senhora.

Recebeu uma cotovelada impaciente e resmungos do homem sobre o qual caíra.

— Peço desculpa.

Voltou a agarrar na pega com uma mão que ficara escorregadia por causa do suor.

Ainda conseguia sentir o cheiro a sangue enquanto percorria os últimos quarteirões em direção à cidade.

Pela primeira vez na vida, Glenna temia verdadeiramente o escuro, as ruas, as pessoas que passavam. Teve de se segurar para não desatar a correr quando o comboio parou. Tinha de reprimir a vontade de empurrar e abrir caminho para sair e correr pela plataforma até às escadas.

Caminhou apressadamente e, mesmo com os barulhos da cidade, escutava o rápido bater dos seus saltos no passeio e a temerosa pieira da sua própria respiração.

Encontrou uma fila que ondulava desde a entrada do clube chamado Eternity. Casais e solteiros aglomeravam-se à espera de receber o sinal para entrarem. Em vez de esperar, ela foi ter com o homem que estava à porta. Ostentou um sorriso e lançou um pouco de charme.

Ele passou-a sem verificar a lista ou a identificação dela.

Lá dentro, havia música, luz azul e a palpitação da excitação. Pela primeira vez, a humanidade comprimida, o ritmo e a vibração não a excitaram.

Demasiados rostos, pensou. Demasiadas pulsações. Ela queria apenas uma, e a esperança de a encontrar entre tantas, de repente pareceu impossível. Cada solavanco e encontrão, enquanto abria caminho pelo clube, sobressaltavam-na. E o seu próprio medo envergonhou-a.

Ela não era indefesa, não era fraca. Mas sentia-se ambas. Aquela coisa no comboio fora todos os seus pesadelos. E aquele pesadelo fora-lhe enviado.

A ela.

Conhecera o seu medo, pensava agora. E brincara com ele, atormentara-a até os joelhos parecem liquidificarem-se e os gritos dentro dela terem golpeado a mente como navalhas.

Ela ficara demasiado chocada, demasiado assustada para alcançar a única arma que tinha. A magia.

Então, a ira começou a aumentar através do terror.

Dissera a si mesma que era uma pesquisadora, que corria riscos, que valorizava o conhecimento. Uma mulher que possuía defesas e aptidões que a maioria nem podia imaginar. Contudo, aqui estava ela a tremer perante a sua primeira verdadeira lufada de perigo. Assumiu uma postura rígida, nivelou a respiração, depois dirigiu-se diretamente para o enorme bar circular.

A meio caminho da pista, viu-o.

A sensação de alívio surgiu primeiro, depois o orgulho por se ter saído tão bem e tão depressa na primeira tarefa. Uma pontada de interesse despertou dentro dela enquanto virava na sua direção.

O tipo arranjava-se bem.

O seu cabelo estava alinhado sem grande preocupação em vez de desarranjado, um preto brilhante e mais curto do que da primeira vez que se tinham encontrado. Mas também, dessa vez, estava ferido, perturbado e no meio de uma grande enrascada. Vestia preto, e ficava-lhe bem. Tal como o olhar atento e ligeiramente irascível daqueles olhos brilhantes lhe assentavam bem.

Depois de uma boa parte da sua confiança ter sido restaurada, ela sorriu e avançou na sua direção.

— Tenho andado à tua procura.

Cian deteve-se. Estava acostumado a que as mulheres viessem ter consigo. Não que não lhe desse algum prazer, especialmente quando a mulher era invulgar como aquela. Havia um brilho nos olhos dela, uma joia verde, e uma alusão atiradiça a divertimento. Os lábios eram cheios, sensuais e torneados. A voz grave e rouca.

Tinha um bom corpo, enfiado num pequeno vestido preto que mostrava uma grande quantidade de pele muito branca e uma forte tonicidade muscular. Podia divertir-se com ela por alguns momentos, não fosse o pendente que ela usava.

Bruxas, e pior, aquelas que brincavam com feitiçarias, podiam ser incómodas.

— Gosto de ser procurado por mulheres bonitas, quando tenho tempo para ser encontrado.

Ele teria deixado a coisa por ali, e continuado a sua vida, mas ela tocou-lhe no braço.

Ele sentiu alguma coisa. E aparentemente, ela também, pois os seus olhos estreitaram-se e o sorriso desapareceu.

— Não és ele. Apenas te pareces com ele. — A mão apertou-lhe o braço, e ele sentiu que ela procurava poder. — Mas isso também não é completamente verdade. Raios. — Ela deixou cair a mão e sacudiu o cabelo para trás. — Devia ter imaginado que não seria assim tão fácil.

Desta vez, foi ele que lhe pegou no braço.

— Vamos arranjar-te uma mesa. — Num recanto escuro e sossegado, pensou Cian. Até ele saber quem ou o que era ela.

— Preciso de uma informação. Preciso de encontrar uma pessoa.

— Precisas de uma bebida — disse Cian de maneira agradável, e conduziu-a rapidamente através da multidão.

— Olha, posso muito bem ir buscar uma bebida para mim se me apetecer uma. — Glenna pensou em provocar uma cena, mas achou que provavelmente faria com que a expulsassem. Considerou um ataque vigoroso de poder, mas sabia por experiência própria que recorrer à magia para resolver cada irritação levava a problemas.

Olhou em volta, avaliando a situação. O lugar estava apinhado com pessoas de todas as camadas sociais. A música era vibrante, forte no baixo com a cantora soltando as letras numa voz sensual e felina.

Muita gente, muita dinâmica, pensou Glenna, vendo tanto cromo e luzes azuis, a dissimular o sexo com classe. O que é que ele lhe podia fazer sob aquelas circunstâncias?



— Procuo uma pessoa. — *Conversa*, disse para si mesma. *Mantém a conversação amigável*. — Pensei que eras ele. A luz aqui não é das melhores, mas vocês são parecidos o suficiente para serem irmãos. É muito importante que eu o encontre.

— Como é que ele se chama? Talvez te possa ajudar.

— Não sei o seu nome. — E o facto de não saber fê-la sentir-se ridícula. — Bem, sei como isto deve soar. Mas foi-me dito que ele estava aqui. Acho que ele precisa de ajuda. Se pudesses apenas... — Ela começou a empurrar a mão dele, sentindo-a dura como pedra.

O que é que ele lhe podia fazer naquelas circunstâncias?, pensou de novo. O que quisesse. Com a primeira enérgica centelha de pânico a tocar na garganta, ela fechou os olhos e tentou usar o seu poder.

A mão dele fechou-se à volta do braço dela, depois apertou com mais força.

— Então és das verdadeiras — murmurou, e virou aqueles olhos, tão rígidos como a sua força, para ela. — Acho que vamos levar isto lá para cima.

— Não vou a lugar nenhum contigo. — Um medo semelhante ao que sentira no metro trespassou-a. — Isto foi pouca voltagem. Acredita em mim, não vais querer que eu aumente os amperes.

— Acredita em mim — e a voz dele foi suave. — Não me queiras irritar.

Puxou-a para trás das escadas em espiral. Ela assentou firmemente os pés no chão, e preparou-se para se defender com todos os meios à sua disposição. Levou a ponta de ferro do seu salto de dez centímetros ao peito do pé dele e deu-lhe um soco no maxilar. Em vez de desperdiçar o fôlego num grito, começou um feitiço.

A respiração guinchou quando ele a levantou como se ela não pesasse nada. O seu único contentamento vinha do facto de, em trinta segundos, quando ela terminasse o feitiço, ele estaria de rabo no chão.

Mas isso não a impediu de continuar a debater-se. Levantou os cotovelos e os pés, e inspirou para afinal sempre acabar por soltar um grito.

E as portas do que ela viu tratar-se de um elevador abriram-se.

Ali estava ele, em carne e osso. E tão parecido com o homem que a segurava ao ombro que ela decidiu odiá-lo a ele também.

— Põe-me no chão, seu filho da mãe, ou eu transformo este lugar numa cratera lunar.

Quando as portas da caixa de transporte se abriram, Hoyt foi tomado de assalto pelo barulho, pelos cheiros e luzes. Tudo aquilo mexeu-lhe

com o sistema, atordoando os seus sentidos. Viu através de uns olhos enublados o irmão com uma mulher nos braços que se debatia.

A sua mulher, apercebeu-se com mais um sobressalto. A bruxa do seu sonho que estava seminua e que usava uma linguagem que ele só raras vezes escutara mesmo na taberna com pior aspeto.

— É assim que pagas a quem te ajuda? — Afastou o cabelo da frente e dirigiu aqueles olhos verdes perspicazes para ele. Depois, desviou o olhar e examinou King de cima a baixo.

— Venham, então — intimou ela. — Posso muito bem com os três.

Como ela estava em cima do ombro de Cian como uma saca de batatas, Hoyt não estava certo de como ela tencionava levar a cabo a ameaça. Mas as bruxas eram astuciosas.

— Então, és real — disse ele calmamente. — Seguiste-me?

— Não sejas convencido, cara de cu.

Cian mudou-a de posição, sem esforço.

— É tua? — indagou para Hoyt.

— Não sei dizer.

— Lida então com o assunto. — Cian voltou a colocar Glenna no chão, agarrando-lhe o punho apontado para o seu rosto, mesmo a tempo. — Faz o que tens a fazer — disse para ela. — Sem grande alarido. Depois, vai-te embora. Mantém uma tampa na magia. Isto é para ambos. King.

Foi-se embora. Após um sorriso rasgado e um encolhimento de ombros, King seguiu-lhe o rasto.

Glenna compôs o vestido e sacudiu o cabelo para trás.

— Que diabo se passa contigo?

— As costelas ainda me doem um pouco, mas estou bastante melhor.

Obrigado pela ajuda.

Ela olhou para ele fixamente, depois arquejou um sopro.

— Isto vai funcionar assim. Vamos sentar-nos, e tu vais oferecer-me uma bebida. Estou a precisar de uma.

— Eu... não tenho nenhuma moeda nestas calças.

— Típico. Eu pago. — Cruzou um braço com o dele para se assegurar de que não o perdia de novo, depois começou a serpentear pela multidão.

— O meu irmão magoou-te?

— O quê?

Ele teve de berrar. Como é que alguém conseguia conversar com aquele barulho? Havia demasiadas pessoas naquele lugar. Seria alguma espécie de festival?

Havia mulheres a contorcer-se no que parecia ser um género de dança ritual, e a usarem ainda menos roupa do que a bruxa. Outras estavam

sentadas em mesas prateadas e observavam ou ignoravam, bebiam de canecas e de taças transparentes.

A música, pensou, vinha de todo o lado ao mesmo tempo.

— Perguntei-te se o meu irmão te magoou?

— Irmão? Faz sentido. Feriu mais o meu orgulho do que qualquer outra coisa.

Ela escolheu as escadas, subindo para onde o barulho não era tão horrível. Ainda agarrada ao braço dele, olhou para a direita, para a esquerda, depois avançou na direção de um banco baixo com uma vela a tremeluzir em cima da mesa. Cinco pessoas estavam comprimidas à sua volta, e pareciam falar todos ao mesmo tempo.

Ela sorriu para eles, e ele sentiu o poder dela a cantarolar por entre dentes.

— Olá! Estão a precisar de ir para casa agora, não é verdade?

Eles levantaram-se, ainda a tagarelar, e deixaram a mesa em desordem com aqueles recipientes transparentes para beber, alguns quase cheios.

— Lamento ter de acabar a noite deles tão cedo, mas penso que isto tem prioridade. Senta-te, por favor. — Deixou-se cair e esticou umas longas pernas despidas. — Deus, que noite. — Acenou com uma mão no ar e manuseou o pendente com a outra, enquanto estudava o rosto dele. — Estás com melhor aspeto. Estás curado?

— Estou bem melhor. De onde é que tu és?

— Direto ao assunto. — Olhou para a empregada que veio à mesa deles para a limpar. — Eu quero um *martini Grey Goose* puro com duas azeitonas. Seco como o pó. — Ergueu uma sobranceira para Hoyt. Como ele não disse nada, ela levantou dois dedos.

Prendeu o cabelo atrás de uma orelha, enquanto se inclinava para a frente na direção dele. Tinha umas espirais de prata pendentes na orelha com o entrelaçado celta.

— Já tinha sonhado contigo antes daquela noite. Duas vezes acho — iniciou. — Tento prestar atenção aos meus sonhos, mas nunca me consegui agarrar a eles, até ao último. Penso que, no primeiro, estavas num cemitério e estavas desolado. O meu coração partiu-se por ti, lembro-me de sentir isso. Estranho, lembro-me ainda com mais clareza agora. A segunda vez que sonhei contigo, vi-te em cima de um rochedo abrupto sobre o mar. Vi uma mulher contigo que não era uma mulher. Mesmo no sonho, tive medo dela. E tu também.

Encostou-se para trás e arrepiou-se.

— Ah, sim, agora me lembro. Lembro-me que estava aterrorizada, e havia uma tempestade. E tu... tu lutaste com ela. Empurrei, lembro-me que empurrei o que vinha na tua direção, para tentar ajudar. Sabia que ela

era... que ela era má. Terrivelmente má. Havia relâmpagos e gritos... — Desejou fortemente a sua bebida. — Acordei e, por um instante, o medo acordou comigo. Depois, tudo esmoreceu.

Como ele continuava sem dizer nada, ela tomou fôlego.

— Tudo bem, vamos continuar comigo, por enquanto. Usei o meu espelho, a minha bola de cristal, mas não conseguia ver claramente. Apenas em sonhos. Levaste-me até àquele lugar na floresta, dentro do círculo. Ou algo o fez. Porquê?

— Não foi obra minha.

— Minha também não. — Batia levemente com as unhas pintadas de vermelho, iguais aos lábios, na mesa. — Tens nome, lindo?

— Sou Hoyt Mac Cionaoith.

O sorriso dela transformou o seu rosto em algo que quase parou o coração dele.

— Não és daqui, pois não?

— Não.

— És da Irlanda, consigo ouvir isso. E no sonho falávamos gaélico, que eu não falo, não verdadeiramente. Mas penso que é mais do que de onde. É quando, também, não é verdade? Não te preocupes em chocar-me. Estou imune hoje.

Ele empreendia um debate interno. Ela fora-lhe revelada, e tinha vindo até ele dentro do círculo. Nada que significasse perigo para ele teria sido capaz de entrar dentro do seu círculo protetor. Embora lhe tivesse sido dito para procurar uma bruxa, ela não era nada, *nada* do que ele esperara.

Contudo, ela trabalhara para o curar, e ficara com ele enquanto os lobos espreitavam o círculo. Vinha ter com ele agora para obter respostas, e talvez para ajudar.

— Cheguei através do Baile dos Deuses, quase há mil anos no tempo.

— Tudo bem. — Respirou profundamente. — Talvez não tão completamente imune. É muito para aceitar pela fé, mas com tudo o que se tem passado, estou disposta a dar o salto. — Levantou o copo que a empregada pousou, bebendo imediatamente. — Especialmente com isto para amortecer a queda. Faça a conta, por favor — pediu Glenna e tirou o cartão de crédito da mala.

— Vem aí alguma coisa — disse ela quando ficaram sozinhos de novo. — Alguma coisa má. Grande, um mal avultado.

— Tu não sabes.

— Não consigo ver tudo. Mas sinto-o, e sei que estou ligada a ti nisso. Não estou entusiasmada sobre este ponto. — Bebeu mais um pouco. — Não depois do que vi no metro.

— Não te estou a perceber.

— Algo muito mau que vestia um fato de executivo — explicou. — Disse que se ia alimentar de mim. Era ela, a mulher do rochedo, julgo eu. Estou no meio de um limbo aqui, um verdadeiramente instável. Estamos a lidar com vampiros?

— O que é o metro?

Glenna levou as mãos à cara.

— Tudo bem, vamos passar algum tempo mais tarde a educar-te sobre os acontecimentos atuais, modos de transporte e por aí, mas agora, preciso de saber o que vou enfrentar. O que é esperado de mim.

— Não sei o teu nome.

— Peço desculpa. Glenna. Glenna Ward. — Estendeu-lhe uma mão. Após uma breve hesitação, ele recebeu-a. — Prazer em conhecer-te. Agora, que raio se passa?

Ele começou, e ela continuou a beber. Depois, ela levantou uma mão, interrompendo-o. — Peço desculpa. Estás a dizer-me que o teu irmão... o tipo que me maltratou, é um vampiro?

— Ele não se alimenta de humanos.

— Ah, bom. Maravilhoso. Ponto para ele. Morreu há novecentos e setenta estranhos anos, e tu vieste até aqui e a este tempo vindo de lá e dessa altura para o encontrar.

— Fui encarregado pelos deuses para reunir um exército para lutar e destruir o exército de vampiros que Lilith está a criar.

— Oh, Deus. Vou precisar de outra bebida.

Ele ofereceu-lhe a sua, mas ela rejeitou e fez sinal à empregada.

— Não, bebe tu. Vais precisar, também, imagino.

Ele bebeu um gole para provar, pestanejando no mesmo instante.

— O que é esta infusão?

— *Vodka martini*. Devias gostar de *vodka* — referiu ela distraidamente. — Parece-me que a fazem a partir da batata.

Pedi outra bebida e alguma comida do bar para neutralizar o álcool. Mais calma, ouviu o resto sem voltar a interromper.

— E eu sou a bruxa.

Ele apercebeu-se de que não havia apenas beleza ali. Não havia apenas poder. Havia uma procura e uma força. Alguns, ele teria de procurar, recordava-se do que a deusa lhe dissera. E outros, procurá-lo-iam.

Assim o fizera ela.

— Tenho de acreditar que o és. Tu, o meu irmão e eu encontraremos os outros e iniciaremos.

— Iniciaremos o quê? Um campo de recrutas? Pareço-te algum soldado?

— Não pareces, não.

Ela apoiou o queixo na mão.

— Gosto de ser uma bruxa e respeito o dom. Sei que existe uma razão para que isto me corra no sangue. Um objetivo. Não esperava que fosse isto. Mas é. — Olhou para ele intensamente. — Sei que a primeira vez que sonhei contigo foi o passo seguinte para esse fim. Estou apavorada. Estou verdadeiramente apavorada.

— Deixei a minha família para vir para aqui, para fazer isto. Deixei-os apenas com as cruzes de prata e a palavra da deusa de que estariam protegidos. Não sabes o que é medo.

— Tudo bem. — Ela estendeu a mão, colocando-a sobre a dele numa espécie de conforto que ele sentiu ser inato nela. — Tudo bem — repetiu. — Tens muito em jogo. Mas eu também tenho família. Eles estão no Norte. Tenho de ter a certeza de que eles estão protegidos. Tenho de ter a certeza de que viverei para fazer o que estou destinada a fazer. Ela sabe onde eu estou. Mandou aquela coisa para me assustar. Suponho que ela esteja mais bem preparada do que nós.

— Então, preparados é como vamos ficar. Tenho de ver do que és capaz.

— Queres que eu faça uma audição? Escuta, Hoyt, o teu exército até agora consiste em três pessoas. Não queiras insultar-me.

— Somos quatro com o King.

— Que King?

— O gigante negro. E não gosto de trabalhar com bruxas.

— A sério? — Prolongou o vocábulo enquanto se inclinava na direção dele. — Eles queimavam a tua espécie tão bem quanto a minha. Somos similares, Merlim. E tu precisas de mim.

— Até pode ser que precise. A deusa não disse que eu tinha de gostar, disse? Tenho de saber quais são as tuas forças e as tuas fraquezas.

— É justo — disse ela com um aceno de cabeça. — E eu tenho de conhecer as tuas. Já sei que não consegues curar um cavalo coxo.

— Isso é falso. — E desta vez a afronta aguçou a sua voz. — Acontece que eu estava ferido, e incapaz...

— Restabeleci um par de costelas partidas e um golpe fundo na tua própria palma. Assim, não ficarás encarregado dos ferimentos se e quando conseguirmos levantar este exército.

— És bem-vinda à tarefa — disse rudemente. — E levantar o exército é o que vamos fazer. É o meu destino.

— Vamos esperar que seja meu destino chegar a casa inteira. — Assinou a conta e pegou na mala.

— Onde é que vais?

— Para casa. Tenho muito que fazer.

— Esse não é o caminho. Temos de ficar juntos agora. Ela sabe quem és, Glenna Ward. Ela sabe quem somos todos nós. É mais seguro, e ficaremos mais fortes, se ficarmos juntos.

— Pode ser, mas preciso de algumas coisas de casa. Tenho muito que preparar.

— Eles são criaturas da noite. Espera até ao nascer do Sol.

— Ordens, já? — Voltou-se, mas a imagem do que a rodeara no metro veio-lhe à memória muito claramente.

Então, ele agarrou-lhe a mão e fez com que ela se sentasse, sentindo o combinar das suas emoções no calor que pulsava entre as palmas de ambos.

— Isto é um jogo para ti?

— Não. Tenho medo. Há uns dias, eu estava apenas a viver a minha vida. Segundo os meus termos. Agora, estou a ser perseguida, e pretendem que lute nalguma batalha apocalíptica. Quero ir para casa. Preciso das minhas coisas. Preciso de pensar.

— É o medo que te faz ficar vulnerável e tola. As tuas coisas estarão lá amanhã de manhã tal como estão agora.

Ele tinha razão, é claro. Para acrescentar, ela não estava certa se tinha a bazófia ou a coragem de ir lá para fora para a noite.

— E onde é que pretendes que fique até ao nascer do Sol?

— O meu irmão tem um apartamento no andar por cima.

— O teu irmão. O vampiro. — Afundou-se no assento. — Que acolhedor!

— Ele não te faz mal. Tens a minha palavra.

— Prefiro ter a dele, se não te importas. E se ele tentar... — Apoiou a palma da mão sobre a mesa e focou-se nela. Uma pequena bola de fogo ateou-se mesmo acima da sua mão. — Se os livros e os filmes estiverem corretos, a sua espécie não se dá lá muito bem com o fogo. Se ele me tentar magoar, eu incendeio-o, e o teu exército fica com menos um.

Hoyt simplesmente colocou a mão sobre a dela, e a chama transformou-se numa bola de gelo.

— Não oponhas os teus talentos contra os meus, nem ameaces fazer mal à minha família.

— Bom truque, vamos colocar isto aqui. — Despejou o gelo no seu copo vazio. — Tenho o direito de me defender, de qualquer pessoa ou de qualquer coisa que me tente fazer mal. De acordo?

— De acordo. Não será Cian. — Levantou-se e estendeu a mão. — Garanto-te isso, aqui e agora. Vou proteger-te, até mesmo dele, se ele tentar fazer-te mal.

— Tudo bem, então. — Colocou a mão na dele e levantou-se. Sen-

tiu-o e percebeu que ele também a sentia, pela forma como as suas pupilas se dilataram. Magia, sim, mas era mais do que isso. — Suponho então que temos o nosso primeiro pacto.

Desceram e viraram na direção do elevador quando Cian se atravessou no caminho deles. — Alto aí. Aonde é que pensas que a levavas?

— Vou com ele, não estou a ser levada — corrigiu Glenna.

— Não é seguro para ela ir lá para fora a esta hora. Não até haver luz do dia. Lilith já mandou um batedor atrás dela.

— Deixa a magia à porta — disse Cian para Glenna. — Ela pode ficar no quarto de hóspedes esta noite. O que significa que tu ficas com o sofá, a menos que ela queira partilhar.

— Ele pode ficar no sofá.

— Porque é que a insultas? — A fúria crepitou nas palavras de Hoyt. — Ela foi enviada. Veio até aqui arriscando-se.

— Eu não a conheço — disse Cian simplesmente. — E a partir de agora, espero que confirmes comigo primeiro antes de convidares alguém para a minha casa. — Inseriu o código para o elevador. — Depois de subirem, fiquem lá em cima. Vou travar o elevador assim que vocês subirem.

— E se houver um incêndio? — perguntou Glenna melodiosamente, e Cian apenas sorriu.

— Suponho que nesse caso o melhor é abrires uma janela e voares.

Glenna entrou no elevador quando as portas se abriram, depois colocou uma mão sobre o braço de Hoyt. Antes de as portas se fecharem, ela olhou para Cian que sorriu novamente.

— É melhor não esqueceres com quem estás a lidar — avisou-o. — Pode ser que façamos mesmo isso.

Resmungou quando as portas se fecharam.

— Acho que não gosto do teu irmão.

— Eu próprio não estou muito satisfeito com ele de momento.

— Em todo o caso, consegues voar?

— Não. — Olhou para baixo para ela. — E tu consegues?

— Não tão longe.





## CAPÍTULO 5

**A**s vezes acordaram-na. Eram surdas e abafadas, de tal forma que a princípio ela temeu estar a ter outra visão. Contudo, por muito que apreciasse a sua arte, valorizava também o sono, especialmente depois de uma noite de *martinis* e revelações estranhas.

Glenna procurou às apalpadelas pela almofada para colocar a cabeça em cima.

A sua atitude para com Cian tinha mudado ligeiramente depois de ter visto o quarto de hóspedes. Ostentava uma cama sumptuosa com lençóis encantadores e suaves e almofadas suficientes para satisfazer até mesmo o seu gosto luxuoso.

Não prejudicava que o quarto fosse espaçoso, embelezado com antiguidades e pintado do verde suave e caloroso das sombras das florestas. A casa de banho tinha sido também uma revelação, recordava-se enquanto se aconchegava na cama. Uma enorme banheira com hidromassagem num branco cintilante que dominava um espaço que fazia quase metade da sua casa numas águas-furtadas, com toda a extensão das bancadas no mesmo verde precioso. Mas foi o amplo lavatório em cobre trabalhado que fez as suas delícias.

Quase cedera à tentação de se espojar na banheira, de se estragar com mimos com alguns sais de banho e óleos acondicionados em pesados potes de vidro, dispostos juntamente com umas velas largas e lustrosas na bancada. Mas as imagens de heroínas de filmes a serem atacadas enquanto tomavam banho fizeram-na pôr essa ideia de lado.

No geral, o *pied-à-terre* do vampiro — ela não podia chamar àquele

luxo um covil — reduzia a migalhas as suas pequenas águas-furtadas em West Village.

Embora admirasse o gosto do vampiro, isso não a impediu de colocar um feitiço protetor na porta do quarto para além de trancar a porta.

Agora, dava voltas na cama, ajeitava a almofada para olhar para o teto sob a luz ténue do candeeiro que deixara aceso no mínimo durante a noite. Estava a dormir no quarto de hóspedes de um vampiro. Colocara no sofá um feiticeiro do século XII. Um tipo lindo e sério que estava numa missão, e esperava que ela se juntasse a ele na sua batalha contra uma antiga e poderosa rainha vampira.

Vivera com a magia toda a sua vida, fora prendada com aptidões e conhecimento que a maioria das pessoas nem sequer sonhava que existiam na realidade. E mesmo assim, esta era uma grande surpresa.

Gostava da sua vida tal como estava. E sabia, sem qualquer dúvida, que nunca mais a teria de volta da mesma forma. Sabia, de facto, que podia perder aquela vida completamente.

Mas quais eram as suas alternativas? Não podia ficar sem fazer nada, não podia enfiar a cabeça debaixo de uma almofada e esconder-se para o resto da vida. Aquilo *conhecia-a* e enviara já um mensageiro.

Se ela ficasse, e fingisse que nada daquilo tinha acontecido, poderia vir atrás dela, em qualquer altura, em qualquer lugar. E ela estaria sozinha.

Teria medo da noite agora? Iria olhar sobre o ombro cada vez que estivesse na rua depois do pôr-do-sol? Iria estranhar se um vampiro, que apenas ela conseguia ver, se esgueirasse para o metro da próxima vez que ela fosse para a cidade?

Não, isso não era forma de vida. A única forma de vida, a única verdadeira escolha, era enfrentar o problema e lidar com o medo. E para fazer isso, tinha de juntar os seus poderes e recursos com os de Hoyt.

Sabendo que dormir já não era possível, olhou para o relógio, revirando os olhos perante a hora de madrugada. Depois, resignou-se e saiu da cama.

**N**a sala, Cian terminava a noite com um *brandy* e uma discussão com o irmão.

Em algumas ocasiões, tinha regressado ao seu apartamento de madrugada com a sensação de solidão, uma espécie de vazio. Não levava para casa nenhuma mulher durante o dia, nem mesmo com os cortinados corridos. Para Cian, o sexo era uma posição de vulnerabilidade assim como de poder. Não partilhava essa vulnerabilidade quando o Sol estava no alto.

Era raro ter companhia após o nascer do Sol e antes do anoitecer. E essas horas eram muitas vezes longas e vazias. Mas descobrira, ao entrar no seu próprio apartamento e encontrando lá o seu irmão, que preferia o longo e vazio ao ajuntamento e às exigências.

— Esperas que ela fique aqui até decidires o teu próximo passo. Digo-te que isso não é possível.

— De que outro modo é que ela fica em segurança? — argumentou Hoyt.

— Não creio que a sua segurança esteja na minha lista de prioridades urgentes.

Como o seu irmão mudara, pensava Hoyt com desgosto, não queria saber de defender uma mulher, uma inocente?

— Estamos todos em risco agora, tudo está em risco. Não temos outra alternativa senão mantermo-nos juntos.

— Eu tenho alternativa, e não é partilhar o meu espaço com uma bruxa, ou contigo, já agora — acrescentou, gesticulando com o copo. — Não permito a presença de ninguém aqui durante o dia.

— Eu estive aqui ontem durante o dia.

— Foi uma exceção. — Cian levantou-se. — E uma da qual já me arrependi. Estás a pedir demasiado a alguém que se preocupa muito pouco.

— Ainda não comecei a pedir. Sei o que tem de ser feito. Falaste em sobrevivência. É a tua que está em risco agora, tanto quanto a dela. E a minha.

— Mais a minha, dado que a tua ruiva pode lembrar-se de me espetar uma estaca de madeira enquanto durmo.

— Ela não é a minha... — Frustrado, Hoyt pôs aquilo de parte. — Nunca deixaria que ela te fizesse mal. Juro-te. Neste lugar, neste tempo, tu és a minha única família. O meu único sangue.

O rosto de Cian ficou sem expressão como uma pedra.

— Eu não tenho família. Nenhum sangue a não ser o meu. Quanto mais depressa te aperceberes disso e o aceitares, Hoyt, melhor para ti. O que faço, faço-o por mim, não por ti. Não pela tua causa, mas por mim. Disse que lutaria a teu lado e assim o farei. Mas pelas minhas próprias razões.

— E quais são elas, então? Dá-me isso ao menos.

— Gosto deste mundo. — Cian sentou-se no braço da poltrona enquanto bebia o seu *brandy*. — Gosto do que obtive dele, e tenciono mantê-lo, e segundo os meus termos, não pelos caprichos de Lilith. Isso vale a batalha para mim. Para somar a isso, muitos séculos de existência acabam por ter as suas épocas de aborrecimento. Pareço estar numa. Mas tenho limites. Ter a tua mulher instalada na minha casa ultrapassa-os.

— Ela não é a minha mulher.

A boca de Cian esboçou um sorriso indolente.

— Se não fazes com que seja, és ainda mais lento nessa área do que eu me lembrava.

— Não é tempo para brincadeiras, Cian. É uma batalha até à morte.

— Sei mais sobre morte do que alguma vez tu saberás. Mais sobre sangue, dor e crueldade. Durante séculos, observei mortais, vezes sem conta, a cambalear para a extinção, às suas próprias mãos. Se Lilith fosse mais paciente, podia simplesmente esperar. Goza os teus prazeres onde os encontrares, irmão, pois a vida é longa e muitas vezes enfadonha.

Brindou com o seu copo.

— Outra razão pela qual lutarei. Sempre tenho algo para fazer.

— Então, porque não te juntas a ela? — atirou Hoyt. — À que te transformou no que és.

— Ela transformou-me num vampiro. Eu fiz-me o que sou. Quanto ao porquê de eu me alinhar contigo e não com ela? Posso confiar em ti. Tu vais manter a tua palavra, pois é assim que tu és. Ela nunca o fará. Não é a sua natureza.

— E a tua palavra?

— Pergunta interessante.

— Gostava de ouvir a resposta. — Glenna falou da porta. Vestia um roupão de seda preto que encontrara pendurado no roupeiro juntamente com outras peças íntimas femininas. — Vocês os dois podem brigar o que quiserem, é o que os homens fazem, e os irmãos. Mas dado que a minha vida está em jogo, quero saber com o que posso contar.

— Vejo que te puseste à vontade — comentou Cian.

— Pretende-lo de volta?

Quando ela dobrou a cabeça e deitou as mãos ao atilho, Cian sorriu ironicamente. Hoyt corou.

— Não o encorajes — disse Hoyt. — Dá-nos licença por um momento...

— Não, não dou. Quero a resposta à tua pergunta. E quero saber se o teu irmão ficar com fome, se vai olhar para mim como se eu fosse um lanche.

— Não me alimento de humanos. Especialmente de bruxas.

— Por causa do teu profundo amor pela humanidade?

— Porque é perturbador. Se te alimentares, tens de matar ou a palavra espalha-se. Se transformares a presa, mesmo assim arriskas-te à exposição. Os vampiros também espalham mexericos.

Ela pensou no assunto.

— É razoável. Tudo bem, prefiro a honestidade sensata a mentiras.

— Eu disse-te que ele não te fazia mal.

— Queria ouvir isso da boca dele. — Virou-se de novo para Cian. —

Se estás preocupado que eu vá atrás de ti, dou-te a minha palavra, mas por que razão confiarias em mim?

— É razoável — retomou Cian.

— O teu irmão já me informou de que me impedirá se eu o tentar. Ele vai ver que é mais difícil do que julga, mas... seria estúpido da minha parte tentar matar-te, e afastá-lo, dada a situação em que nos encontramos. Tenho medo, mas não sou parva.

— Terei de ficar com a tua palavra também.

De um modo despreocupado, ela tocou na manga do roupão e ofereceu-lhe um ligeiro sorriso atiradiço.

— Se te tencionasse matar, já teria tentado um feitiço. Saberias se o tivesse feito. Tê-lo-ias sentido. E se não houver confiança entre nós os três, estamos condenados antes mesmo de começarmos.

— Nisso tens razão.

— O que quero agora é um duche e tomar o pequeno-almoço. Depois, vou para casa.

— Ela fica. — Hoyt meteu-se entre os dois. Quando Glenna avançou, ele meramente levantou uma mão, e a sua força empurrou-a de volta para a porta.

— Que diabos.

— Caluda. Nenhum de nós sai daqui sozinho. Nenhum de nós. Se temos de nos unir, vamos começar agora. As nossas vidas estão nas mãos de cada um de nós, e muito mais do que as nossas vidas.

— Não uses o teu poder em mim de novo.

— Seja o que for que eu tiver de fazer, fá-lo-ei. Tentem entender-me.

— Hoyt alternava o olhar entre os dois. — Os dois. Vai vestir-te — rogou a Glenna. — Depois, vamos buscar o que quer que julgas que precisas. Sê rápida quanto a isso.

Em resposta, ela voltou para dentro do quarto e bateu com a porta.

Cian soltou um pequeno riso.

— Sabes certamente cativar as senhoras. Vou deitar-me.

Hoyt ficou sozinho na sala a perguntar-se por que razão os deuses pensaram que ele podia salvar mundos com aquelas duas criaturas a seu lado.

**E**la não falava, mas um homem que tinha irmãs sabia que as mulheres muitas vezes usavam o silêncio como arma. E o seu silêncio flutuava pela sala como farpas enquanto ela enchia uma espécie de garrafa com água de um cano prateado na cozinha de Cian.

O estilo das mulheres podia ter mudado radicalmente em nove-

centos anos, mas ele acreditava que o seu interior estava praticamente na mesma.

E mesmo assim, muitas delas continuavam a ser um mistério para ele.

Ela usava o mesmo vestido da noite anterior, mas tinha ainda de calçar os sapatos. Não estava certo que fraqueza lhe falava, mas a visão dos pés descalços provocou-lhe um incómodo sinal de excitação.

Ela não devia ter namoriscado com o seu irmão, pensava Hoyt com um considerável ressentimento. Eram tempos de guerra, não de galanteios. E se ela tencionava deambular por aí com as pernas e os braços expostos, teria de...

Surpreendeu-se. Ele não tinha nada que olhar para as pernas dela, pois não? Não tinha nada que pensar nela a não ser como um instrumento. Não importava que ela fosse adorável. Não importava que quando ela sorria, despertava qualquer coisa semelhante a um pequeno fogo no interior do seu coração.

Não importava, não podia importar, que quando ele olhava para ela, lhe quisesse tocar.

Ocupou-se com os livros, respondeu ao silêncio dela com o seu próprio silêncio e repreendeu-se por não ter um comportamento adequado.

Depois, começou a ferver no ar um aroma sedutor. Lançou-lhe uma olhadela, curioso para saber se ela estaria a experimentar alguma da sua magia feminina. Mas ela estava de costas para ele enquanto se elevava em bicos de pés, naqueles adoráveis pés descalços, para tirar uma chávena do armário.

Era a garrafa, percebeu, cheia agora com um líquido preto, e deitava fumo com um aroma sedutor.

Ele perdera a batalha do silêncio. Segundo a experiência de Hoyt, os homens sempre perdiam.

— O que estás a preparar?

Ela simplesmente serviu o líquido preto da garrafa numa chávena, depois virou-se, observando-o com uns olhos verdes frios por cima da chávena enquanto bebia.

Para se satisfazer, ele levantou-se, caminhou até à cozinha e tirou uma segunda chávena. Serviu o líquido como ela o tinha feito, cheirou-o, não detetando venenos, e depois bebeu.

Era excitante. Como um rápido abano de poder, forte e rico. Potente, como a bebida, o *martini* da noite anterior. Mas diferente.

— É muito bom — referiu, depois deu um gole mais profundo.

Em resposta, ela contornou-o, atravessou a sala e voltou a entrar no quarto de hóspedes.

Hoyt levantou o olhar para os deuses. Seria atormentado pelos maus génios e amuos daquela mulher e do seu irmão?

— Como? — perguntou. — Como é que vou fazer o que tem de ser feito se já estamos a lutar entre nós?

— Enquanto estás nisso, porque não pedes à tua deusa que te diga o que pensa sobre o facto de me teres atirado com força daquela forma. — Glenna voltou, com os sapatos calçados, e trazia a sacola com que ele a vira na noite anterior.

— É uma defesa contra o que parece ser a tua natureza argumentativa.

— Gosto de discutir. E não espero que me ataques quando não te agrada o que eu tenho para dizer. Fá-lo de novo, e vou contra-atacar. Tenho um conjunto de princípios contra usar a magia como uma arma. Mas quebro-os no teu caso.

Estava no seu direito, o que era ainda mais irritante.

— O que é esta infusão?

Ela soltou um suspiro.

— É café. Já tomaste café antes, imagino. Os egípcios tomavam café. Penso eu.

— Não igual a este — retorquiu ele.

E como ela sorriu, ele assumiu que o pior passara.

— Estou pronta para ir, assim que pedires desculpa.

Ele devia ter adivinhado. As mulheres eram mesmo assim.

— Peço desculpa por me ter visto forçado a usar a minha vontade para evitar que discutisses a manhã toda.

— Então, estás a dar uma de espertalhão. Desta vez, aceito isso. Vamos indo.

Ela caminhou até ao elevador e carregou no botão.

— É moda as mulheres desta época serem agressivas e sarcásticas, ou és só tu?

Ela olhou para ele por cima do ombro.

— Sou a única com a qual tens de te preocupar agora. — Entrou no elevador, e segurou a porta. — Vens?

**E**laborara uma estratégia básica. Primeiro, ela teria de chamar um táxi. Qualquer que fosse a conversa, qualquer que fosse a forma estranha com que Hoyt se comportasse, um taxista nova-iorquino já teria visto e ouvido tudo.

Para somar a isso, a sua coragem não tinha ainda voltado a um nível que a permitisse andar de metro.

Tal como ela antecipara, assim que saíram do edifício, Hoyt parou. E

ficou a olhar. Olhava para todo o lado, para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda. Estudava o trânsito, os pedestres, os edifícios.

Ninguém lhe prestava atenção, e se prestassem, classificavam-no como um turista.

Quando abriu a boca para falar, ela encostou um dedo nos lábios.

— Vais ter um milhão de perguntas. Por isso, porque é que não as organizas e registas? Eventualmente, trataremos delas. Por ora, vou chamar um táxi. Quando estivermos lá dentro, tenta não dizer nada muito chocante.

As perguntas podiam estar atabalhoadas na sua cabeça como formigas, mas ele escondeu-as por dignidade.

— Não sou tolo. Sei muito bem que estou deslocado aqui.

Não, ele não era um tolo, pensava Glenna enquanto caminhava para a borda do passeio, levantando uma mão. E também não era um cobarde. Ela esperara que ele ficasse de boca aberta, mas por lhe serem impostos a pressa, o barulho e as multidões da cidade, ela esperara também ver algum medo, e não havia nenhum. Apenas curiosidade, uma dose de fascinação e um pouco de desaprovação.

— Não gosto do cheiro do ar.

Ela deu-lhe um pequeno toque com o cotovelo quando ele se juntou a ela na borda do passeio.

— Uma pessoa habitua-se. — Quando um táxi avançava devagar até à borda do passeio, ela segredou para Hoyt enquanto abria a porta: — Entra como eu faço, e descontrai-te apenas e desfruta da viagem.

Já lá dentro, ela debruçou-se sobre ele para chegar à porta e a fechar, dando ao taxista a sua morada. Quando o taxista regressou a toda a velocidade para o trânsito, os olhos de Hoyt esbugalharam-se.

— Não sei muito sobre o assunto — disse ela por baixo da música indiana que pulsava do rádio do taxista. — É um táxi, uma espécie de carro. Funciona com um motor a combustível, abastecido com gasolina e petróleo.

Ela deu o seu melhor para explicar os semáforos, as passadeiras, os arranha-céus, as grandes lojas e o que mais viesse à ideia. Percebeu que era como se ela visse a cidade pela primeira vez e começou a desfrutar.

Ele ouvia-a. Ela quase podia vê-lo a absorver e a guardar toda aquela informação, os sinais, os sons, os cheiros, nalgum banco de dados interno.

— São tantos — referiu discretamente, e o tom de preocupação fez com que ela olhasse para ele. — Tantas pessoas — repetiu, olhando lá para fora pela janela. — E desconhecedores do que está para vir. Como é que vamos salvar tantos?

Atingiu-a então uma lança pesada e afiada na barriga. Tantas pessoas, sim. E aquilo era apenas parte de uma cidade em apenas um Estado.



— Não podemos. Não todos. Nunca poderás. — Ela tentou alcançar a mão dele, apertando-a com força. — Por isso, não penses nos muitos, ou vais ficar louco. Vamos apenas pensar num de cada vez.

Ela tirou a importância quando o táxi encostou, o que a fez pensar em finanças, e como lidaria com aquele pequeno problema durante os próximos meses. Pegou na mão de Hoyt de novo quando já estavam no passeio.

— Este é o meu prédio. Se virmos alguém lá dentro, sorri apenas e parece encantador. Vão apenas pensar que estou a trazer um amante para casa.

O choque estampou o seu rosto.

— Costumas fazê-lo?

— De vez em quando. — Ela destrancou a porta, depois comprimiu-se com ele na diminuta antessala para chamar o elevador. Ainda mais comprimidos, começaram a subir.

— Todos os prédios têm estes...

— Elevadores. Não, mas muitos têm. — Quando chegaram ao apartamento dela, ela puxou um portão de ferro para o abrir e entrou.

Era um espaço pequeno, mas a iluminação era excelente. As paredes estavam cobertas com as suas pinturas e fotografias, e estavam pintadas do verde das cebolas picadas para refletir a luz. Tapetes que ela própria tecera ponteavam o chão com arrojados tons e padrões.

Estava arrumado, o que condizia com a sua natureza. A cama conversível estava feita como sofá para durante o dia, cheia de almofadas. O recanto da cozinha cintilava de uma recente esfregadela.

— Vives sozinha. Sem ninguém para te ajudar.

— Não tenho recursos para ajuda e gosto de viver sozinha. Pessoal e criados requerem dinheiro, e eu não tenho o suficiente.

— Não tens nenhum homem na tua família, nenhuma ajuda ou mesada?

— Não recebo mesada desde os meus dez anos — manifestou ela secamente. — Trabalho. Aqui as mulheres trabalham tal como os homens. Idealmente, não dependemos de nenhum homem para cuidar de nós, financeiramente ou de qualquer outra maneira.

Atirou a mala para um canto.

— Ganho a vida a vender pinturas e fotografias. Pinto, na maior parte, cartões de felicitações como bilhetes, cartas, mensagens que as pessoas mandam umas às outras.

— Ah, és uma artista.

— Isso mesmo — concordou, divertida pela sua escolha de emprego, pelo menos, parecer merecer a sua aprovação. — Os cartões de felicitações,

esses pagam a renda. Mas vendo algumas ilustrações, sem reservas, de vez em quando. Gosto de trabalhar para mim também. Faço os meus próprios horários, o que é bom para ti também. Não tenho de prestar contas a ninguém, por isso posso despende de tempo para fazer, bem, o que tem de ser feito.

— A minha mãe é uma artista, à sua maneira. As tapeçarias dela são fantásticas. — Aproximou-se de uma pintura, de uma sereia que se elevava num mar agitado. Havia poder no rosto, uma espécie de conhecimento que ele assumiu como inerentemente feminino. — É trabalho teu?

— Sim.

— Mostra talento, e essa magia que se move nas cores e nas formas.

Mais do que aprovação, convenceu-se. Agora era admiração, e deixou que isso a entusiasmasse.

— Obrigada. Normalmente, esse tipo de crítica far-me-ia ganhar o dia. É apenas um dia estranho. Preciso de trocar de roupa.

Ele acenou com a cabeça distraidamente e avançou para outra pintura.

Atrás dele, Glenna levantou a cabeça e encolheu os ombros. Foi até ao velho armário que usava como roupeiro, escolheu o que queria, depois levou para a casa de banho.

Estava habituada a que os homens lhe prestassem um pouco mais de atenção, apercebeu-se enquanto despia o vestido. À sua aparência, ao seu modo de andar. Era humilhante ser tão facilmente posta de parte, mesmo ele tendo coisas mais importantes em que pensar.

Mudou para umas calças de ganga e um top branco. Deixando o subtil encanto que tinha presunçosamente usado nessa manhã esmorecer, maquilhou-se, depois prendeu o cabelo para trás num pequeno rabo-de-cavalo.

Quando voltou, Hoyt estava na cozinha a remexer nas suas ervas.

— Não mexas nas minhas coisas. — Deu-lhe uma sapatada na mão para o afastar.

— Estava só a... — Perdeu o interesse e olhou-a atentamente. — É isso que usas em público?

— Sim. — Virou-se, e invadiu o seu espaço deliberadamente. — Algum problema?

— Não. Não usas sapatos?

— Não forçosamente quando ando em casa. — Os olhos dele eram tão azuis, pensou. Tão perspicazes e azuis em contraste com aquelas pestanas grossas pretas. — O que sentes quando estamos assim? Sozinhos. Próximos.

— Perturbado.

— Foi a coisa mais bonita que me disseste até agora. O que quero

perguntar é se sentes alguma coisa? Aqui. — Colocou uma mão sobre a barriga e manteve os seus olhos entrelaçados nos dele. — Uma espécie de poder. Nunca senti antes.

Ele sentia-a, e uma espécie de ardência no coração também.

— Ainda não quebraste o jejum — conseguiu ele por fim dizer e recuou com cuidado. — Deves ter fome.

— Apenas eu, então — murmurou ela. Voltou-se para abrir o armário. — Não sei o que vou precisar, por isso vou levar o que me parecer certo. Não vou viajar leve. Tu e o Cian vão ter de lidar com isso. Devíamos partir logo que possível.

Ele levantara uma mão, estava quase a tocar-lhe no cabelo, algo que quisera fazer desde que a vira pela primeira vez. Mas deixou-a cair.

— Partir?

— Não esperas ficar em Nova Iorque sem fazer nada à espera que o exército venha ter contigo? O portal é na Irlanda, e temos de assumir que a batalha irá suceder na Irlanda, ou nalgum local místico por ali. Precisamos do portal, ou a dada altura iremos precisar. Por isso, precisamos de ir para a Irlanda.

Ele simplesmente olhava para ela enquanto ela colocava frascos e vidrinhos numa maleta não muito diferente da sua.

— Sim, tens razão. É claro, tens razão. Temos de iniciar o caminho de regresso. Uma viagem levará a maior parte do tempo que temos. Oh, meu Deus, vou ficar enjoado quando navegarmos para casa.

Ela olhou-o de cima a baixo.

— Navegar? Não temos tempo para o *Queen Mary*, querido. Vamos voar.

— Disseste que não conseguias.

— Consigo, se for num avião. Temos de descobrir como é que vamos arranjar-te um bilhete. Não tens identificação, não tens passaporte. Posso usar os meus encantos com o agente da companhia aérea, no balcão de atendimento ao público. — Afastou o pensamento. — Eu resolvo.

— Num quê?

Focou-se nele, depois encostou-se contra a bancada e desatou a rir até as suas bochechas doerem.

— Explico mais tarde.

— Não era minha intenção divertir-te.

— Não, não seria. Mas foi agradável de qualquer forma. Oh, bolas, não sei o que levar e o que não levar. — Recuou, esfregando as mãos na cara. — É o meu primeiro apocalipse.

— Ervas, flores e raízes também crescem na Irlanda, e muito bem.

— Gosto das minhas. — O que era disparatado e infantil. Mas ainda

assim... — Vou apenas levar o que considero essencial nesta área, depois trato dos livros, roupas e por aí. Tenho de fazer algumas chamadas também. Tenho algumas reuniões que preciso de cancelar.

Com alguma relutância, fechou a maleta já cheia que deixara em cima da bancada. Atravessou a sala até ao canto mais afastado onde se encontrava uma grande arca de madeira, abrindo-a com um encantamento.

A curiosidade despertou, e Hoyt foi até junto dela para observar os conteúdos por cima do seu ombro.

— O que guardas aí?

— Livros de feitiços, receitas, alguns dos meus cristais mais poderosos. Alguns foram-me passados.

— Ah, então, és uma bruxa hereditária.

— Correto. A única da minha geração que exerce. A minha mãe desistiu quando casou. O meu pai não gostava. Os meus avós ensinaram-me.

— Como é que ela pôde desistir do que estava dentro dela?

— Uma pergunta que já lhe fiz muitas vezes. — Sentou-se de joelhos, mexendo no que podia levar e no que não podia. — Por amor. O meu pai queria uma vida simples, ela queria o meu pai. Eu não seria capaz. Acho que não seria capaz de amar o bastante para desistir do que sou. Preciso de ser amada o suficiente para ser aceite pelo que sou.

— Magia poderosa.

— Sim. — Tirou um saco de veludo. — Este é o meu prémio. — De lá de dentro, ela tirou a bola de cristal com que ele a vira na visão. — Está na minha família há já muito tempo. Há mais de duzentos e cinquenta anos. Uma pequena mudança para um homem com a tua idade, mas uma longa corrida para mim.

— Magia poderosa — repetiu Hoyt, pois quando ela a segurou nas mãos, pôde ver como pulsava, como um coração a bater.

— Tens razão quanto a isso. — Olhou para ele por cima do globo com uns olhos que ficaram subitamente escuros. — E não está na altura de usar alguma? Não é altura de fazermos o que sabemos melhor, Hoyt? Ela sabe quem sou, onde estou, o que sou. É provável que saiba o mesmo sobre ti, sobre Cian. Vamos dar um passo. — Segurou o cristal no ar. — Vamos descobrir onde ela se esconde.

— Aqui e agora?

— Não consigo pensar numa melhor altura ou lugar. — Levantou-se, apontando o seu queixo na direção do tapete ricamente padronizado no centro da sala. — Enrolas isso, por favor?

— É um passo perigoso o que estás prestes a dar. Devíamos pensar um pouco primeiro.

— Podemos pensar enquanto enrolas esse tapete. Tenho tudo o que

precisamos para um feitiço de localização, tudo o que precisamos para proteção. Podemos cegá-la para que não nos veja enquanto a procuramos.

Ele fez o que ela pediu e encontrou um pentagrama pintado debaixo do tapete. Podia admitir que dar um passo, qualquer passo, parecia certo e benéfico. Mas teria preferido, muito mais, dá-lo sozinho.

— Não sabemos se a conseguimos cegar. Ela já se alimentou de sangue mágico, e muito provavelmente mais de uma vez. Ela é muito poderosa e muito matreira.

— Também nós o somos. Falas em irmos para uma batalha dentro de três meses. Quando é que pretendes começar?

Ele olhou para ela e acenou com a cabeça.

— Aqui e agora, então.

Ela pousou o cristal no centro do pentagrama, e tirou dois *athames*<sup>4</sup> da sua arca. Colocou-os no círculo, depois juntou velas, uma bacia prateada e varinhas mágicas de cristal.

— Não vou precisar de tudo isso.

— Que bom para ti, mas eu prefiro usá-los. Trabalhemos juntos, Merlin.

Ele levantou um *athame* para estudar o entalhe enquanto ela rodeava o pentagrama com velas.

— Incomodas-te se eu trabalhar nua<sup>5</sup>?

— Sim — respondeu sem levantar o olhar.

— Tudo bem, no espírito do compromisso e do trabalho de equipa, vou manter as roupas vestidas. Mas são restritivas.

Tirou a fita do cabelo, encheu a bacia prateada com água de um frasco e deitou lá para dentro algumas ervas.

— Habitualmente, invoco as deusas quando lanço o círculo, e parece-me o mais adequado agora. Estás de acordo?

— Muito bem.

— És um verdadeiro tagarela, não és? Bem. Pronto? — Quando ele acenou com a cabeça, ela caminhou para a curva oposta à dele. — Deusas do oriente, do ocidente, do norte e do sul — iniciou, movendo-se pelo círculo enquanto falava. — Pedimos a vossa bênção. Invocamo-vos para testemunhar e para guardar este círculo, e tudo o que está dentro dele.

— Forças do Ar, da Água, do Fogo e da Terra — entoou Hoyt. — Percorram connosco agora enquanto nos perdemos por entre os mundos.

<sup>4</sup> O athame é um punhal, tradicionalmente de cabo preto e dois gumes, usado na religião Wicca e em algumas linhas de bruxaria. É utilizado para traçar o Círculo Mágico ou emblemas mágicos no ar, para direcionar a energia e para controlar e banir espíritos. (N. da T.)

<sup>5</sup> Ritual de nudez (vestidos pelo céu, do inglês *skyclad*) praticado na religião neopagã Wicca como um sinal de igualdade. (N. da T.)

— Noite e dia, dia e noite, convocamo-vos para este ritual sagrado. Este círculo três vezes projetado. Tal como o faremos, que assim seja.

Bruxas, pensou. Sempre a fazer versos. Mas sentiu que o ar se agitara, e a água na bacia ondulara quando as velas se acenderam.

— Devíamos invocar Morrigan — disse Glenna. — Ela é o mensageiro.

Ele começou então, depois decidiu que queria ver do que é que aquela bruxa era capaz.

— Este é o teu lugar sagrado. Pede orientação e lança o teu feitiço.

— Tudo bem. — Pousou o punhal sagrado e levantou as mãos, com as palmas para cima. — Neste dia, e nesta hora, convoco o poder sagrado de Morrigan, a deusa, e imploro que ela nos conceda a sua graça divina e mestria. Em teu nome, Mãe, procuramos a visão, pedimos-te que nos guies pela luz.

Ela curvou-se para segurar no cristal e ergueu-o com as mãos.

— Dentro desta bola, procuramos encontrar a criatura que caça toda a humanidade enquanto os olhos dela estão cegos para nós. Torna ávida a nossa visão, as nossas mentes, os nossos corações para que as nuvens dentro desta bola se separem. Protege-nos e mostra-nos o que procuramos ver. Tal como o faremos, que assim seja.

Névoas e luz rodopiaram dentro do vidro. Por um instante, ele pensou ser capaz de ver os mundos ali dentro. Cores, formas, movimento. Escutou-o a pulsar, tal como o seu coração pulsava. E o coração de Glenna pulsava.

Ajoelhou-se tal como ela fez. E viu, tal como ela viu.

Um lugar sombrio, com um labirinto de túneis e banhado por uma luz vermelha. Pensou ouvir o mar, mas não tinha a certeza se era dentro do vidro ou apenas o rugido do poder dentro da sua cabeça.

Havia corpos, ensanguentados e despedaçados, e empilhados como madeira. E gaiolas onde as pessoas choravam ou gritavam, ou simplesmente estavam sentadas com os olhos sem brilho e sem vida. Moviam-se criaturas dentro dos túneis, criaturas negras que mal agitavam o ar. Alguns gatinhavam pelas paredes acima como percevejos.

Escutava-se um riso horrível, alto, umas gargalhadas hediondas.

Viajou com Glenna por aqueles túneis onde o ar fedia a morte e a sangue. No fundo, bem no fundo da terra, onde as paredes de pedra gotejavam com humidade e algo pior. Até chegarem a uma porta rabiscada com símbolos antigos de magias negras.

Sentiu a respiração ficar fria dentro do corpo à medida que avançavam.

Ela dormia numa cama digna de uma rainha, uma cama de dossel

larga com lençóis que tinham o toque da seda e eram brancos como o gelo. Gotículas de sangue manchavam-nos.

Os seios dela não estavam cobertos pelos lençóis, e a beleza do seu rosto e das suas formas estavam intactas desde a última vez que ele a vira.

Ao seu lado, estava o corpo de um rapaz. Tão jovem, pensou Hoyt, com uma terrível pena. Não teria mais de dez anos, tão pálido da morte, com o cabelo cor de trigo a cair por cima da testa.

A luz das velas tremeluzia, lançando uma luminosidade vacilante sobre a carne dela e a dele.

Hoyt agarrou no *athame* e levantou-o acima da cabeça.

E os olhos dela abriram-se e olharam fixamente para os dele. Ela gritou, mas ele não escutou qualquer medo no seu grito. Ao lado dela, o rapaz abriu os olhos, mostrou as presas e pulou para deslizar pelo telhado como um lagarto.

— Mais perto — trauteou ela. — Aproxima-te, feiticeiro, e traz a tua bruxa. Vou transformá-la num animal de estimação depois de te sugar todo o sangue. Pensas que me podes *tocar*?

Quando ela saltou da cama, Hoyt sentiu-se a voar para trás, rasgando o ar tão frio, que era como se pedaços de gelo lhe atravessassem a garganta.

Depois, estava de novo sentado dentro do círculo, a olhar fixamente para os olhos de Glenna, que estavam muito abertos e pesados. Escorria-lhe sangue do nariz.

Estancou o sangue com os dedos enquanto lutava para recuperar o fôlego.

— A primeira parte resultou — consegui por fim dizer. — A parte em que a cegávamos não correu lá muito bem, obviamente.

— Ela também tem poderes. Não é desprovida de técnicas.

— Alguma vez sentiste uma coisa deste género? — perguntou-lhe.

— Não.

— Nem eu. — Permitiu-se sentir um forte calafrio. — Vamos precisar de um círculo maior.